



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria do Planejamento  
e Gestão*

# IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

2º Trimestre de 2015



Fortaleza – Ceará  
Setembro de 2015

**IPECE** INSTITUTO  
DE PESQUISA  
E ESTRATÉGIA  
ECONÔMICA  
DO CEARÁ

## GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

### SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Hugo Figueiredo – Secretário

### INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis – Diretor de Estudos Econômicos

#### IPECE Conjuntura – 2º Trimestre – abr.-jun. de 2015

##### Equipe Técnica

*Adriano Sarquis (Coordenação Geral)*

*Daniel Suliano (Coordenação Técnica)*

*Alexsandre Lira Cavalcante*

*Ana Cristina Lima Maia Souza*

*Carlos Alberto Manso*

*Gabriel Figueiredo*

*Jéssica Santos*

*José Freire Junior*

*Nicolino Trompieri Neto*

*Paulo Pontes*

*Witalo de Lima Paiva*

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

##### Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

##### Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

### INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

[ouvidoria@ipece.ce.gov.br](mailto:ouvidoria@ipece.ce.gov.br)

[www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)

## APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 2º trimestre de 2015.

Neste documento, são feitas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram de parâmetros para o desempenho da atividade econômica estadual.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense, com destaque para o comportamento setorial da agropecuária, indústria e comércio varejista além do mercado de trabalho, comércio exterior e finanças públicas.

Paralelo à análise da conjuntura, a última seção reserva um espaço para reflexão sobre temas de interesse da sociedade. Este número traz um artigo.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

## ÍNDICE

### SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

#### 1. PANORAMA INTERNACIONAL, 5

#### 2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 7

#### 3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 14

#### 4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 15

4.1. Agropecuária, 15

4.2. Indústria, 19

4.3. Serviços (Comércio Varejista), 25

#### 5. MERCADO DE TRABALHO, 31

5.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 31

5.2. Emprego Formal, 33

#### 6. COMÉRCIO EXTERIOR, 36

#### 7. FINANÇAS PÚBLICAS, 43

#### 8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 46

#### 9. ARTIGO DE OPINIÃO, 50

*As Turbulências, o céu de brigadeiro e os motores para voos maiores, 50*

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.

ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.  
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

## SUMÁRIO EXECUTIVO

- Conforme mostram os dados estatísticos da OCDE, Estados Unidos, Japão e União Europeia apresentaram um melhor desempenho no segundo trimestre de 2015, comparado com o mesmo período de 2014. No caso da China, notou-se um resultado abaixo do registrado no 2º trimestre de 2014, não obstante a taxa de crescimento nesse ano ainda ter sido considerada elevada (7%).
- O PIB do Brasil a preços de mercado no segundo trimestre de 2015 registrou queda de 1,9% em relação ao primeiro. No primeiro trimestre houve um recuo de 0,7% com relação ao imediatamente anterior, caracterizando um cenário de recessão. Sob a ótica da oferta, os três grandes setores, agropecuária, indústria e serviços tiveram desempenho negativo de, respectivamente, -2,7%, -4,3% e -0,7%.
- No segundo trimestre de 2015 com relação ao mesmo período de 2014, a economia cearense registrou uma taxa de crescimento negativa de 5,32%, apresentando um desempenho muito inferior ao registrado no segundo trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando foi verificado um crescimento de 3,04%.
- Nos últimos anos, o setor agropecuário do Ceará vem sofrendo com os efeitos da seca apresentando baixo volume de água armazenada, baixa umidade e degradação do solo. Neste ano de 2015 o período de chuva começou mais tarde tendo como consequência uma quadra mais curta. Esse fato afetou tanto o período de plantação como o volume de armazenamento hídrico.
- A indústria de transformação cearense manteve a sequência de resultados negativos que caracterizaram o ano 2014 e o início deste ano. Entre abril a junho de 2015, a produção registrou uma redução de 10,0% na comparação com o mesmo período de 2014, segundo o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Como observado no primeiro trimestre do ano, o resultado intensificou a queda em relação aos períodos anteriores e se constituiu no quinto período seguido de retração neste tipo de comparação.
- O varejo comum cearense apresentou a segunda queda sucessiva, reflexo também do ritmo de desaceleração nas vendas. Similarmente, o varejo ampliado cearense registrou queda de 3,6% no acumulado do ano até junho de 2015.
- No mercado de trabalho cearense desde o último trimestre de 2014 o percentual de desocupados vem crescendo, tendo atingido, no segundo trimestre de 2015, a taxa de 8,81%, valor praticamente idêntico ao do primeiro trimestre de 2013, a maior taxa da série histórica da PNAD contínua.

- No segundo trimestre de 2015 houve fechamento de 2.423 vagas de trabalho com carteira assinada que somada à perda de 8.458 vagas no primeiro trimestre totalizou 10.881 postos de trabalho a menos no acumulado até junho do ano de 2015. Chama a atenção a forte perda de postos de trabalho celetistas observada tanto na indústria de transformação (-4.517 vagas) e no comércio (-707 vagas).
- As exportações do Estado apresentaram crescimento significativo no setor têxtil neste segundo trimestre (66,95%) na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, devido principalmente ao aumento das vendas para países da América Latina (Argentina, Colômbia, Paraguai, México e Venezuela). Houve também um aumento do valor exportado de preparações alimentícias diversas (25,03%) e lagostas (35,09%).
- As “Despesas Correntes”, notadamente os gastos com pessoal, continuarão a pressionar as contas públicas do Estado no segundo semestre de 2015 sendo, portanto, necessário acompanhar a evolução dessa rubrica nos próximos trimestres a fim de se evitar um maior crescimento das despesas em um momento onde o crescimento das receitas é duvidoso.

## 1 PANORAMA INTERNACIONAL

A expectativa para o crescimento mundial de 2015 apresentou um pequeno arrefecimento, segundo as projeções realizadas pelo Fundo Monetário Internacional. Em abril, o FMI projetou um crescimento mundial de 3,5%, porém na divulgação do mês de julho essa taxa caiu para 3,3%. Essa redução deve-se à expectativa mais moderada quanto ao desempenho da economia dos Estados Unidos, Japão e alguns países emergentes e em desenvolvimento.

Essa revisão teve como principais fatores o desempenho da economia norte americana no primeiro trimestre de 2015, em decorrência de fatores climáticos e queda das exportações, e pelo baixo investimento e baixa produtividade dos países emergentes, além da queda dos preços das *commodities*, atingindo as receitas dos países exportadores.

Quanto ao comportamento da economia mundial no segundo trimestre de 2015, comparado com o mesmo período de 2014, percebe-se um melhor desempenho na economia dos Estados Unidos, Japão e da União Europeia. No caso da China, notou-se um resultado abaixo do registrado no 2º trimestre de 2014, não obstante uma taxa de crescimento ainda considerada elevada, conforme mostram os dados estatísticos da OCDE.

A economia dos Estados Unidos, embora tenha sofrido redução na projeção para o ano, vem mostrando sinais de crescimento sustentável, com retomada das exportações, aceleração do gasto das famílias, além dos indicadores do mercado de trabalho indicarem uma direção considerada consistente. Ainda assim, tomadores de decisão do Federal Reserve (FED) ainda mostram cautela em aumentar a taxa de juros, que se encontra no piso de 0 (zero) e 0,25% desde a crise financeira internacional, ao destacar que há incertezas nas perspectivas para a economia dos Estados Unidos, particularmente nos riscos vindos do exterior. Todavia, o FED tem sinalizado que em algum momento irá elevar a taxa de juros e assim retomar a política monetária do país.

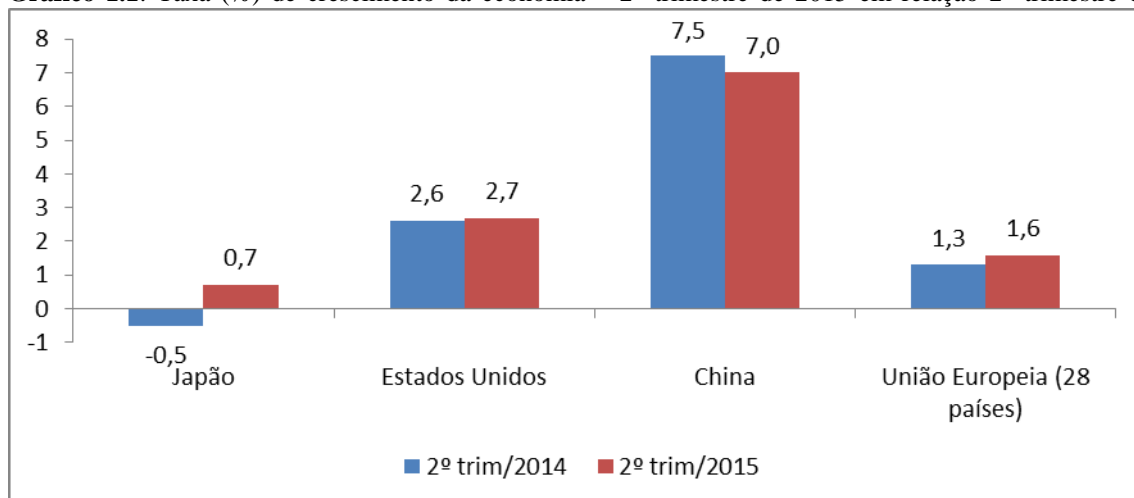
O bloco dos países da União Europeia também indicou melhor resultado nesse segundo trimestre de 2015, comparado ao segundo trimestre de 2014, tendo como âncora a economia da Alemanha, que apresentou taxa de crescimento econômico de 1,6%. Ao final do ano de 2014 a economia alemã apresentou algumas vulnerabilidades diante da crise europeia, mas em 2015 vem retomando sua confiança e tem novamente boas previsões de crescimento. Mesmo

com esse bom desempenho, analistas destacam um brando investimento interno no país, o que impediu um crescimento maior nesse primeiro semestre de 2015.

A economia do Japão apresentou melhor resultado no segundo trimestre de 2015, comparado com o mesmo período de 2014, apesar de retroceder 0,4% na comparação com o primeiro trimestre de 2015. O impasse da economia do país consiste no baixo consumo interno, queda dos investimentos estrangeiros das empresas e queda das exportações, reflexo de uma desaceleração nas economias emergentes, especialmente na China.

Com relação à economia chinesa, o desempenho do segundo trimestre de 2015 ficou abaixo do registrado no mesmo período de 2014. Ainda assim, o crescimento de 7% pode ser considerado favorável, pois analistas previam um crescimento menor. Esse desempenho foi atribuído às medidas tomadas pelo governo chinês que proporcionou crescimento das vendas no varejo e crescimento na produção industrial com maior valor agregado.

**Gráfico 1.1:** Taxa (%) de crescimento da economia – 2º trimestre de 2015 em relação 2º trimestre de 2014



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

## 2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No segundo trimestre de 2015, o PIB do Brasil registrou queda de 2,6% em relação ao segundo trimestre de 2014 (Tabela 2.1), mantendo o mesmo ritmo de queda quando comparado ao primeiro trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, quando verificou-se um decréscimo de 1,2%. No acumulado do ano, que corresponde ao desempenho do primeiro semestre de 2015 em relação ao mesmo período de 2014, observa-se uma queda de 2,1%. Já para a taxa anualizada, onde computa-se o crescimento dos últimos quatro trimestres em relação aos quatro imediatamente anteriores, registra-se um decréscimo de 1,2%.

**Tabela 2.1:** Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades – Brasil – 2014 e 2º Trim. 2015 (\*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2014 (**)	2014	1º Trim. 2015 (**)	2º Trim. 2015 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
<b>Agropecuária</b>	<b>-1,5</b>	<b>0,4</b>	<b>4,0</b>	<b>1,8</b>	<b>3,0</b>	<b>1,6</b>
<b>Indústria</b>	<b>-3,6</b>	<b>-1,2</b>	<b>-3,0</b>	<b>-5,2</b>	<b>-4,1</b>	<b>-2,9</b>
Extrativa Mineral	7,6	8,7	12,8	8,1	10,4	10,4
Transformação	-6,3	-3,8	-7,0	-8,3	-7,6	-6,1
Construção Civil	-5,6	-2,6	-2,9	-8,2	-5,5	-4,7
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-4,7	-2,6	-12,0	-4,7	-8,5	-7,4
<b>Serviços</b>	<b>-0,2</b>	<b>0,7</b>	<b>-1,2</b>	<b>-1,4</b>	<b>-1,3</b>	<b>-0,5</b>
Comércio	-3,6	-1,8	-6,0	-7,2	-6,6	-4,6
Transportes	-0,5	2,0	-3,6	-6,0	-4,8	-1,8
Intermediação Financeira	-0,6	0,4	-0,4	0,4	0,0	-0,1
Administração Pública	0,5	0,5	-1,4	0,6	-0,4	-0,1
Outros Serviços	-1,2	0,1	-0,6	-1,9	-1,2	-0,2
<b>VA a preços básicos</b>	<b>-1,1</b>	<b>0,2</b>	<b>-1,2</b>	<b>-2,1</b>	<b>-1,7</b>	<b>-1,0</b>
<b>PIB pm</b>	<b>-1,2</b>	<b>0,1</b>	<b>-1,6</b>	<b>-2,6</b>	<b>-2,1</b>	<b>-1,2</b>

Fonte: IPECE e IBGE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação a igual período do ano anterior;

(\*\*\*) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos Valores Adicionados dos setores, a Agropecuária foi o único setor que apresentou crescimento positivo, registrando uma taxa de 1,8% no segundo trimestre de 2015 em relação a igual período de 2014, desempenho este superior ao ritmo verificado no segundo trimestre de 2014, comparado com o mesmo período de 2013, quando foi verificada uma queda de 1,5%.

Segundo dados do LSPA/IBGE divulgado em julho de 2015, a alta na agropecuária pode ser explicada pela produtividade e pelo desempenho de alguns produtos que possuem safra relevante no segundo trimestre, com exceção do café e do feijão, que apresentaram queda de produção de 2,2% e 4,1%, respectivamente. Os demais produtos com safra neste trimestre registraram ganho de produtividade e crescimento: soja (11,9%), milho (5,2%), arroz (4,4%), mandioca (2,3%) e cana de açúcar (2,1%).

O setor da Indústria apresentou no segundo trimestre de 2015, em relação ao mesmo período de 2014, um decréscimo de 5,2%, registrando novamente o desempenho negativo verificado no segundo trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando foi constatada uma queda de 3,6% na produção.

Em relação às atividades que compõem a Indústria, para o mesmo período de análise, a Indústria de transformação apresentou um recuo de 8,3%, influenciado pelo decréscimo da produção de máquinas e equipamentos; da indústria automotiva; produtos eletrônicos e equipamentos de informática; insumos da construção civil e produtos derivados do petróleo. Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (SIUP), por sua vez, registrou queda de 4,7%, puxada pela redução do consumo não residencial de energia elétrica. A construção civil também apresentou redução no volume do valor adicionado de 8,2%. Já a extrativa mineral, por sua vez, cresceu 8,1% em relação ao segundo trimestre de 2014, influenciada tanto pelo aumento da extração de petróleo e gás natural como também da extração de minérios ferrosos.

O valor adicionado de Serviços apresentou uma queda de 1,4% no segundo trimestre de 2015 em comparação com o mesmo período de 2014, apresentando desempenho ainda pior se comparado ao segundo trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando foi registrada uma evolução (0,2%).

Esse fraco desempenho foi motivado, em grande parte, pelos decréscimos de 7,2% na atividade do comércio (atacadista e varejista), e de 6,0% de transporte, armazenagem e correio, puxado pelo decréscimo do transporte e armazenamento de carga. Também apresentou decréscimo a atividade de outros Serviços (-1,9%).

Registraram resultados positivos as atividades imobiliárias (2,8%), administração, saúde e educação pública (0,6%), os serviços de informação (0,5%), atividade esta que inclui telecomunicações, atividades de TV, rádio e cinema, edição de jornais, livros e revistas,



informática e demais serviços relacionados às tecnologias da informação e comunicação (TICs), e, por fim, intermediação financeira e seguros (0,4%).

A Tabela 2.2 apresenta os resultados da taxa de crescimento do PIB trimestral com ajuste sazonal tanto pela ótica da oferta (agropecuária, indústria e serviços) como pela ótica da demanda (consumo das famílias e governo, investimento e setor externo).

**Tabela 2.2:** Taxa de crescimento do PIB Trimestral - Brasil (%)

Com Ajuste Sazonal						
Descrição		2º Trim. (2014)	3º Trim. (2014)	4º Trim. (2014)	1º Trim. (2015)	2º Trim. (2015)
PIB a preços de mercado		-1,1	0,1	0,0	-0,7	-1,9
Ótica da oferta	Agropecuária	-1,2	-1,7	1,6	4,8	-2,7
	Indústria	-2,5	0,5	-0,4	-0,7	-4,3
	Serviços	-0,6	0,3	0,0	-0,9	-0,7
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	-0,4	0,2	0,8	-1,5	-2,1
	Consumo do governo	0,4	0,7	-0,9	-1,5	0,7
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-2,8	-0,5	-1,8	-2,4	-8,1
	Exportações	-0,3	3,0	-13,3	16,2	3,4
	Importações (-)	-2,3	1,5	-5,0	0,9	-8,8

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

O PIB do Brasil a preços de mercado no segundo trimestre de 2015 registrou queda de 1,9% em relação ao primeiro. No primeiro trimestre houve também um recuo (-0,7%) com relação ao imediatamente anterior, o que do ponto de vista técnico é caracterizado como recessão. (Tabela 2.1). Sob a ótica da oferta, os três grandes setores agropecuária, indústria e serviços tiveram desempenho negativo de, respectivamente, -2,7%, -4,3% e -0,7%.

O que chama atenção para esses números é tanto a profundidade como a extensão na qual se prolonga o ciclo de baixa da economia brasileira. O setor de serviços, por exemplo, encontra-se totalmente estagnado ao longo de cinco trimestres, acumulando sequências de desempenho negativo e conseqüente estagnação.

Após o ciclo favorável das *commodities* a agropecuária tem acumulado saldos negativos, não obstante o desempenho de 4,8% no primeiro trimestre e 1,6% no último trimestre de 2014. No

caso da indústria, além da vertiginosa queda de 4,3% acrescentam-se os dois desempenhos negativos anteriormente registrados.

Nem mesmo a depreciação cambial que vem ocorrendo desde o final do ano passado tem sido suficiente para alavancar a melhoria do setor. Assim, os antigos problemas estruturais de baixa produtividade do trabalho e infraestrutura deficitária são candidatos naturais ao pífio desempenho do setor. A continuidade da depreciação cambial além da base baixa de comparação pode vir a melhorar.

Sob a ótica da demanda, o consumo das famílias entrou em recessão técnica a partir de duas quedas consecutivas nos dois primeiros trimestres de 2015 na magnitude de -1,5% e -2,1%, respectivamente. A alta dos juros desde o final de outubro de 2014, o realinhamento dos preços administrados e a expectativa de inflação de quase 10% em 2015 tem minado a confiança dos consumidores.

Do lado do setor público, houve uma leve expansão do consumo do governo de 0,7% após duas quedas consecutivas anteriores. A evolução dos gastos governamentais nos próximos trimestres irá delinear a magnitude do ajuste fiscal, variável essencial para restauração do equilíbrio macroeconômico.

Dentre as variáveis da composição da demanda, a formação bruta de capital fixo (FBKF) é, sem dúvida, um farol para prognósticos futuros em razão de ser um elemento para geração de oferta no longo prazo.

Dados da Tabela 2.2 mostram que a FBKF apresenta a quinta queda consecutiva com retração de 8,1% no segundo trimestre do ano. Esse recuo reflete-se diretamente na taxa de investimento do PIB. No segundo trimestre de 2014, o investimento tinha alcançado o percentual de 19,5%, enquanto no segundo trimestre de 2015 o investimento alcançou o patamar de apenas 17,8%.

No âmbito externo, as exportações parecem ter reagido a depreciação cambial apresentando dois trimestres de crescimento. Nos dois últimos trimestres do ano a tendência pode se repetir considerando a alta do dólar frente ao real em razão das diversas incertezas que pairam na economia brasileira. As importações, por outro lado, recuaram fortemente, à taxa de 8,8%, e

devem persistir numa tendência de baixa a partir da elevação dos preços dos bens estrangeiros por conta do câmbio desfavorável.

### *Inflação e Taxa de Juros*

O IPCA, relativo a junho de 2015, na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), registrou uma variação de 0,91% no mês, resultado considerável para apenas um único mês, deixando a capital cearense ao lado da cidade de Curitiba na quinta colocação das cidades que apresentaram maior variação.

Das cidades pesquisadas, três delas ultrapassaram a casa do 1% (Brasília, Salvador e Belém). Em relação ao acumulado do ano de 2015 a RMF registrou, até junho, uma variação acumulada de 6,43%, ficando abaixo apenas de Porto Alegre (6,63%) e Curitiba (7,73%). Brasília foi a única região pesquisada que apresentou uma variação nos preços abaixo dos 5%. No Brasil o acumulado foi de 6,17% até junho de 2015.

Já o INPC, que afeta diretamente as famílias de menor poder aquisitivo, registrou na RMF no mês de março uma variação de 0,86%, pouco inferior ao registrado pelo IPCA para o mesmo período. A cidade de Vitória foi a que apresentou menor variação do INPC, em junho, registrando em torno de 0,22%. Já Salvador foi a cidade que teve maior variação no mês de junho de 2015, em torno de 0,97%.

Em termos da variação acumulada no primeiro semestre de 2015, o INPC teve na região de Curitiba a maior variação (8,32%), alcançando quase dois pontos percentuais acima da variação ocorrida no Brasil no primeiro semestre de 2015. Já Fortaleza registrou 6,47% de variação no primeiro semestre de 2015, resultando em uma variação acumulada abaixo, mas bem próxima à registrada no Brasil. (Tabela 2.3).

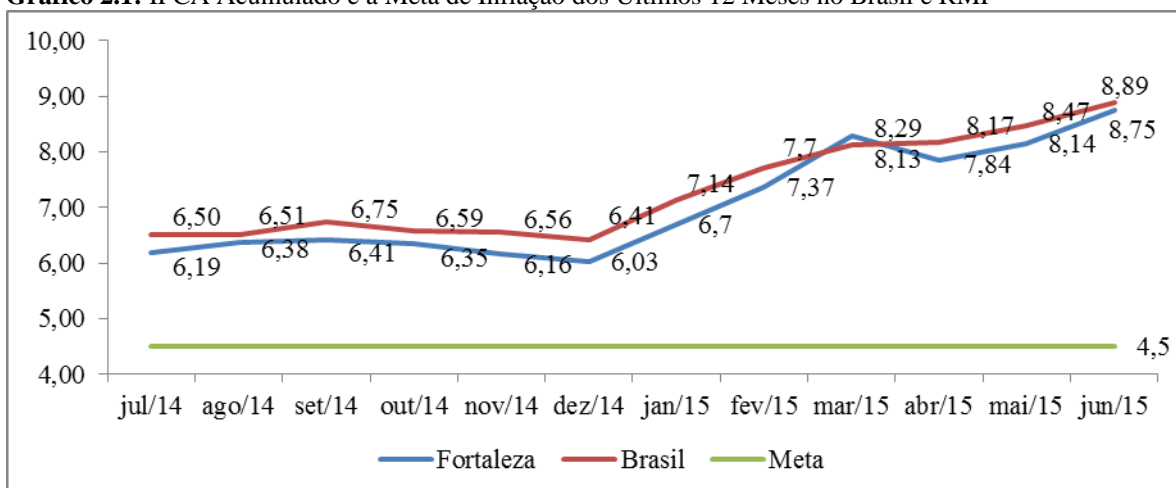
**Tabela 2.3:** IPCA e INPC do Mês de Junho e Acumulado até Junho de 2015

Região	Variação (%)			
	IPCA		INPC	
	Junho (%)	Acumulado no ano (%)	Junho (%)	Acumulado no ano (%)
Belém	1,02	5,56	0,96	5,52
Recife	0,98	6,19	0,86	6,34
Salvador	1,03	5,87	0,97	6,08
São Paulo	0,79	6,28	0,77	7,34
Rio de Janeiro	0,65	6,22	0,48	7,61
Goiânia	0,21	5,53	0,25	6,37
Belo Horizonte	0,72	5,85	0,76	6,38
Porto Alegre	0,75	6,63	0,88	7,06
Curitiba	0,91	7,73	0,87	8,32
<b>Fortaleza</b>	<b>0,91</b>	<b>6,43</b>	<b>0,86</b>	<b>6,47</b>
Brasília	1,05	4,78	0,77	5,73
Campo Grande	0,25	5,80	0,34	5,86
Vitória	0,46	5,12	0,22	5,45
<b>Brasil</b>	<b>0,79</b>	<b>6,17</b>	<b>0,77</b>	<b>6,80</b>

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

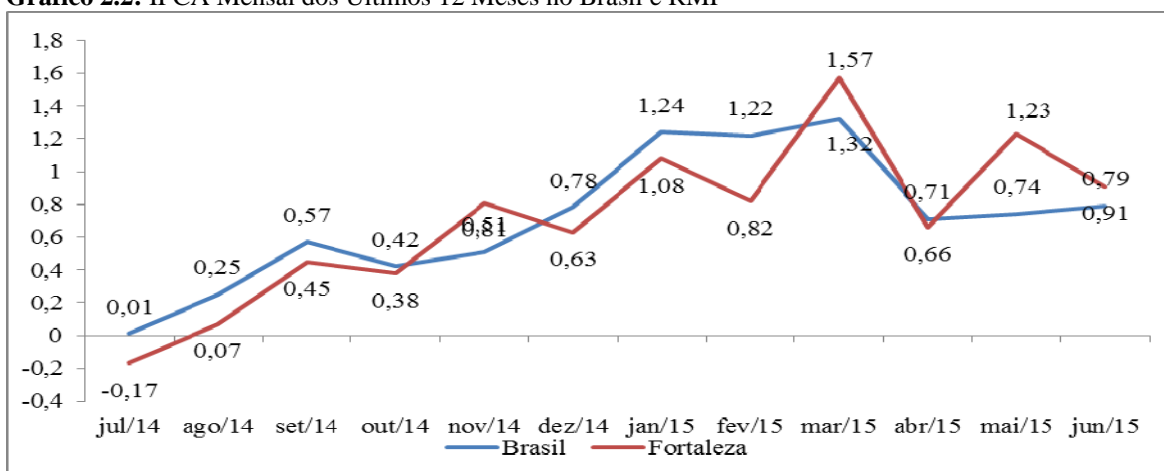
A evolução do IPCA acumulado dos últimos doze meses é apresentada no Gráfico 2.1 seguinte, evidenciando o distanciamento cada vez maior da meta estipulada pelo Banco Central (4,5%) tanto para o Brasil como para a RMF. No segundo semestre de 2014 o IPCA vinha se comportando na casa dos seis pontos percentuais, apresentando, em 2015, uma inflexão, quando chegou a ultrapassar 8,5 pontos percentuais em junho.

Pela primeira vez desde agosto de 2014 o IPCA acumulado da RMF nos últimos doze meses superou o do Brasil, registrando 8,29% contra 8,13%, respectivamente, fato ocorrido em março de 2015.

**Gráfico 2.1:** IPCA Acumulado e a Meta de Inflação dos Últimos 12 Meses no Brasil e RMF

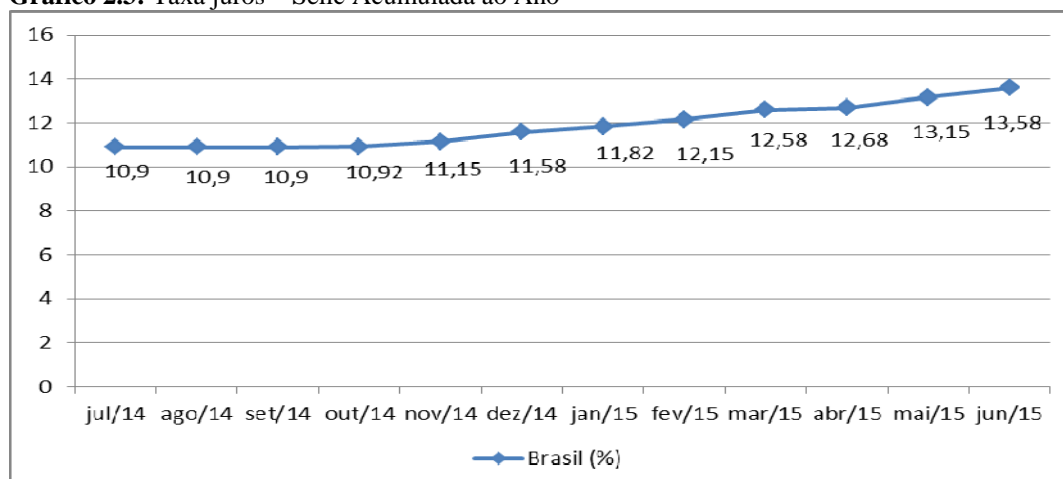
Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Desde a última deflação ocorrida no IPCA da RMF (junho de 2014) tem-se observado um comportamento de muita volatilidade dos preços com tendência de alta a partir de então, onde a maior variação deu-se em março de 2015 (1,57%). O Brasil tem-se comportado de maneira semelhante quanto à trajetória de alta, mas com menor volatilidade.

**Gráfico 2.2:** IPCA Mensal dos Últimos 12 Meses no Brasil e RMF

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Por fim, o Gráfico 2.3 abaixo apresenta a taxa Selic praticada no Brasil entre julho de 2014 e junho de 2015. No período de julho a novembro de 2014 a taxa média de juros praticada ficou no mesmo patamar (próxima aos 11%). A partir de dezembro de 2014 começou a ocorrer uma trajetória de crescimento no comportamento da Selic, chegando a 12,6% em março de 2015. Esta tendência de alta se manteve ao longo do segundo trimestre, pois, em junho de 2015, a taxa alcançou 13,58%, confirmando a expectativa do mercado financeiro de uma política mais restritiva praticada pela Autoridade Monetária como forma de controlar o crédito e o consumo.

**Gráfico 2.3:** Taxa juros – Selic Acumulada ao Ano

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: IPECE.

### 3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

No segundo trimestre de 2015 com relação ao mesmo período de 2014, a economia cearense registrou uma taxa de crescimento negativa de 5,32%, apresentando um desempenho muito inferior ao registrado no segundo trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando foi verificado um crescimento de 3,04% (Tabela 3.1). No acumulado do ano, observa-se uma queda 2,14%. Em relação à taxa anualizada, registra-se um crescimento de 1,01%.

**Tabela 3.1:** Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará - 2014 e 2º Trim. 2015 (\*)

Setores e Atividades	2º Trim.		1º Trim.		Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
	2014 (**)	2014	2015 (**)	2015 (**)		
<b>Agropecuária</b>	<b>52,60</b>	<b>65,07</b>	<b>20,31</b>	<b>-23,51</b>	<b>-1,60</b>	<b>21,31</b>
<b>Indústria</b>	<b>-4,20</b>	<b>-1,87</b>	<b>-2,52</b>	<b>-3,72</b>	<b>-3,12</b>	<b>-2,21</b>
Extrativa Mineral	-18,77	-11,78	-4,04	-3,95	-4,00	-0,93
Transformação	-5,04	-3,25	-5,86	-9,12	-7,49	-5,59
Construção Civil	-5,47	-2,55	0,15	0,44	0,30	-0,43
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	1,10	2,99	1,25	2,21	1,73	2,67
<b>Serviços</b>	<b>3,00</b>	<b>3,59</b>	<b>0,73</b>	<b>-3,52</b>	<b>-1,39</b>	<b>1,13</b>
Comércio	5,24	3,83	-3,82	-4,06	-3,94	-0,31
Alojamento e Alimentação	9,43	6,90	3,03	0,77	1,90	4,32
Transportes	1,92	7,98	0,93	-3,57	-1,32	5,37
Intermediação Financeira	3,49	6,25	0,93	-8,88	-3,98	0,62
Administração Pública	1,36	1,29	3,29	-0,28	1,51	1,54
Outros Serviços	2,75	4,77	-1,30	0,14	-0,58	1,70
<b>VA a preços básicos</b>	<b>3,08</b>	<b>4,42</b>	<b>1,10</b>	<b>-5,53</b>	<b>-2,22</b>	<b>0,97</b>
<b>PIB pm</b>	<b>3,04</b>	<b>4,36</b>	<b>1,05</b>	<b>-5,32</b>	<b>-2,14</b>	<b>1,01</b>

Fonte: IPECE e IBGE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação a igual período do ano anterior;

(\*\*\*) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Analisando os setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no segundo trimestre de 2015, em comparação com o mesmo período de 2014, uma queda de 23,51%, decorrente de mais um ano de seca. Para o mesmo período de análise, a Indústria decresceu 3,72%, apresentando novamente o fraco desempenho verificado para o mesmo período de 2014, onde a indústria obteve um decréscimo de 4,2%. Já o setor de serviços caiu 3,52%, decorrente do fraco desempenho da atividade de Comércio, no qual registrou, para o mesmo período, uma queda de 4,06%.

## **4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL**

### **4.1 Agropecuária**

Nos últimos anos, o setor agropecuário do Ceará vem sofrendo com os efeitos da seca, apresentando baixo volume de água armazenada, baixa umidade e degradação do solo. Neste ano de 2015 o período de chuva começou mais tarde tendo como consequência uma quadra mais curta. Esse fato afetou tanto o período de plantação como o volume de armazenamento hídrico.

Conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), tanto o primeiro como o segundo trimestre de 2015 apresentaram uma quantidade de chuva abaixo da média observada. A Tabela 4.1 mostra que o índice de pluviosidade para o Ceará no segundo trimestre de 2015 ficou bem abaixo da normal para o período, agravando ainda mais a situação hídrica. As maiores quantidades de chuvas foram registradas nas regiões do Litoral do Pecem (326,2 mm), Litoral de Fortaleza (312,2 mm) e Maciço de Baturité (232,9 mm), porém todas abaixo da média observada.

É importante ressaltar que as irregularidades da distribuição de chuvas de 2015 prejudicou ainda mais a produção agrícola, uma vez que ocorreram de forma concentrada nas regiões litorâneas do Ceará, regiões estas menos importantes na produção agrícola. Além disso, as chuvas aconteceram de forma intensa em poucos dias, o que prejudicou o plantio por passar muitos dias sem chuva.

**Tabela 4.1:** Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas 1º e 2º trimestre de 2015

Macrorregiões	1º trimestre/2015			2º trimestre/2015		
	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Litoral de Fortaleza	495.7	522.4	5.4	497.1	312.2	-37.2
Maciço de Baturité	434.7	394.3	-9.3	435.9	232.9	-46.6
Litoral Norte	539.3	371.8	-31.1	393.1	306.9	-21.9
Litoral de Pecem	451.3	356.6	-21.0	371.3	326.2	-12.1
Ibiapaba	488.9	335.1	-31.5	333.1	172.8	-48.1
Cariri	533.5	321.2	-39.8	256.8	192.6	-25.0
Jaguaribana	391.9	275.1	-29.8	324.1	122.4	-62.2
Sertão Central e Inhamuns	367.5	244.0	-33.6	252.6	132.7	-47.5
Ceará	432,0	302,5	-30,0	311,6	182,0	-41,6

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

O baixo índice de chuvas nos últimos anos afetou os reservatórios de água do Ceará, sinalizando para uma situação de alerta para a disponibilidade desse recurso natural. A fraca quadra chuvosa de 2015 agravou ainda mais essa situação, visto que a quantidade pluviométrica não foi suficiente para o aporte hídrico, tendo sido a quantidade de água armazenada ao final do período de chuva o mesmo do começo do ano.

Das regiões, a situação mais vulnerável, segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), está no Baixo Jaguaribe, com apenas 1,08% da capacidade de armazenamento. Em seguida estão o Sertão de Crateús, com apenas 3,33% e a região do Curu, com 4,47% da capacidade total. Em melhor situação está a região do Litoral, com 41,59% da capacidade total de armazenamento de água.

**Tabela 4.2:** Capacidade e volume (%) de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – 2015

Regiões	Quantidade de açudes	Capacidade (m <sup>2</sup> )	Volume (em março 2015)	
			(m <sup>3</sup> )	(%)
Acaraú	14	1.759.633.000	229.480.288	13,09
Alto Jaguaribe	23	2.833.671.799	1.007.908.936	35,55
Baixo Jaguaribe	1	24.000.000	258.141	1,08
Banabuiú	19	2.803.114.745	109.248.784	3,98
Coreaú	9	297.090.000	107.143.982	34,05
Curu	13	1.029.281.000	46.005.632	4,47
Litoral	10	215.763.393	89.742.414	41,59
Médio Jaguaribe	15	7.401.560.057	1.274.688.555	17,23
Metropolitana	19	1.383.975.520	441.057.867	31,71
Sertões de Crateús	10	450.013.764	14.895.715	3,33
Salgado	15	492.058.025	109.311.141	22,31
Serra da Ibiapaba	1	136.760.152	33.365.206	23,66
<b>Ceará</b>	<b>149</b>	<b>18.826.921.455</b>	<b>3.463.106.661</b>	<b>18,39</b>

Fonte: COGERH. Elaboração: IPECE.



A produção de grãos em 2015 vem sendo fortemente afetada pela baixa pluviosidade dos últimos anos e irregularidades temporais, causando baixa produtividade e redução das áreas plantadas. As estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE<sup>1</sup>, para a produção de grãos no Ceará indica uma redução na produção de 2015, comparada a produção obtida em 2014. Conforme mostra a Tabela 4.2 a produção de arroz caiu 20,2%, a produção de feijão 22,9% e milho reduziu 34,6%. Também verificou-se queda na produção da mandioca e mamona, porém essa redução foi de menor intensidade. No caso do algodão foi erradicada a produção irrigada no município de Limoeiro do Norte, único município que possui produção de algodão irrigado. E o algodão de sequeiro apresentou baixa produtividade em virtude da seca.

No segundo trimestre do ano, a colheita do feijão já foi quase toda realizada, enquanto arroz e milho também já tem uma grande quantidade colhida, o que torna os dados da LSPA mais precisos. Ainda assim entende-se que esses valores de produção podem ser alterados, conforme novas informações levantadas pela LSPA.

**Tabela 4.3:** Produção obtida e estimativa de Grãos e outras lavouras no Ceará – 2014-2015

<b>Produção de Grãos e outras lavouras</b>	<b>Produção 2014 *</b>	<b>Estimativa 2015</b>	<b>Varição (%) 15/14</b>
Arroz (t)	39.798	31.756	-20,21
Feijão (t)	112.808	86.939	-22,93
Milho (t)	360.210	235.691	-34,57
Sorgo (t)	1.685	1.000	-40,65
Fava (t)	3.116	2.193	-29,62
Mamona (t)	1.509	1.403	-7,02
Algodão(t)	1.615	80	-95,05
Mandioca (mil frutos)	478.663	448.963	-6,20

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. Nota: (\*) O valor de 2014 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2015 corresponde a estimativa.

A produção de frutas no Ceará também não mostra bons resultados para o ano de 2015. O principal motivo consiste no baixo volume dos reservatórios hídricos do estado, afetando assim a liberação de água para os perímetros irrigados, onde, em muitos deles, foi reduzida a vazão de água, comprometendo, dessa forma, a produção.

<sup>1</sup> As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita a cada mês da fase de tratamentos culturais a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

Sendo assim, as lavouras que são produzidas, em sua maioria, por sistema irrigado tiveram reduções mais elevadas na produção. É o caso do melão, onde se estima uma queda de 40,3%, abacaxi (-50,9%) e melancia (-26,4%). O baixo nível dos reservatórios de água do Ceará já está comprometendo as principais lavoura irrigadas.

Quanto às frutas que são produzidas em sequeiro também sofreram baixas de produtividade e muitas estão morrendo devido a seca. Ainda assim, algumas frutas indicam crescimento na produção de 2015, a destacar: mamão (36,1%), laranja (22,1%), coco-da-baía (21,6%) e manga (13,3%).

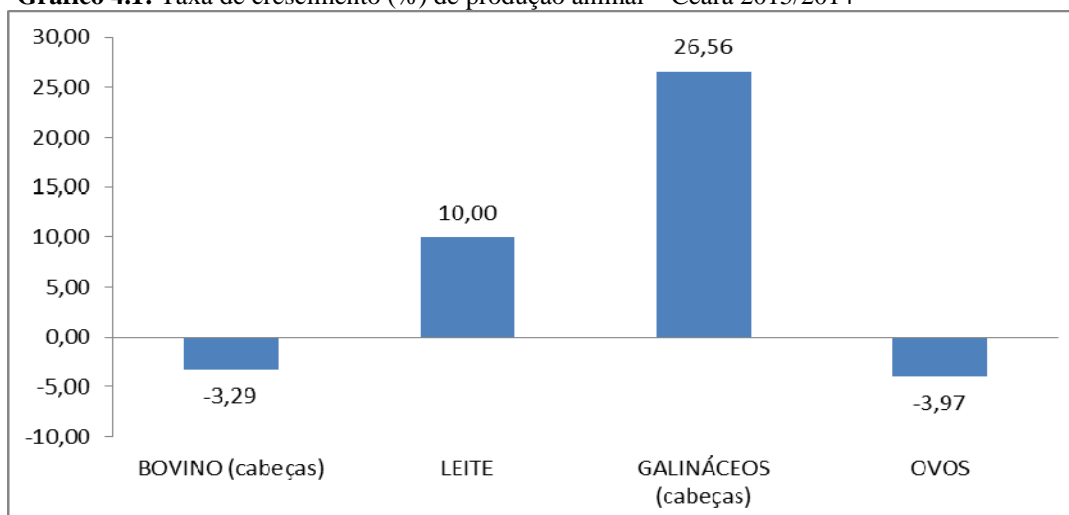
**Tabela 4.4:** Produção obtida e estimativa de Frutas (toneladas) no Ceará – 2014-2015<sup>(\*)</sup>

Frutas	Produção 2014 *	Estimativa 2015	Varição (%) 15/14
Acerola	14.849	15.439	3,97
Banana	452.201	426.908	-5,59
Goiaba	18.936	19.520	3,08
Laranja	12.684	15.484	22,08
Mamão	98.945	134.645	36,08
Manga	49.466	56.057	13,32
Maracujá	144.024	139.144	-3,39
Melancia	82.424	60.648	-26,42
Melão	393.391	234.884	-40,29
Abacaxi **	10.403	5.103	-50,95
Coco-da-baía **	246.081	299.289	21,62

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. Notas: (\*) O valor de 2014 refere-se a produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa. (\*\*) Produção em mil frutos.

Pelo lado da pecuária destaca-se a estimativa da produção de galináceos, que cresceu 26,56% no primeiro semestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014, e a produção de leite, com crescimento de 10,0%. Quanto a produção de bovinos e ovos as estimativas indicaram uma queda de 3,29% e 3,97%, respectivamente, no primeiro semestre de 2015, comparado ao mesmo período de 2014. (Gráfico 4.1).

O Ceará vem ganhando destaque na produção de leite, dado o crescimento ocorrido nos últimos anos. Esse aumento pode ser atribuído à criação de vacas em áreas irrigadas, sistema que vem dando certo ao se tornar menos dependente das chuvas e por não utilizar um grande volume de água. Além de outras técnicas como o armazenamento da palma forrageira que é utilizada como ração.

**Gráfico 4.1:** Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2015/2014

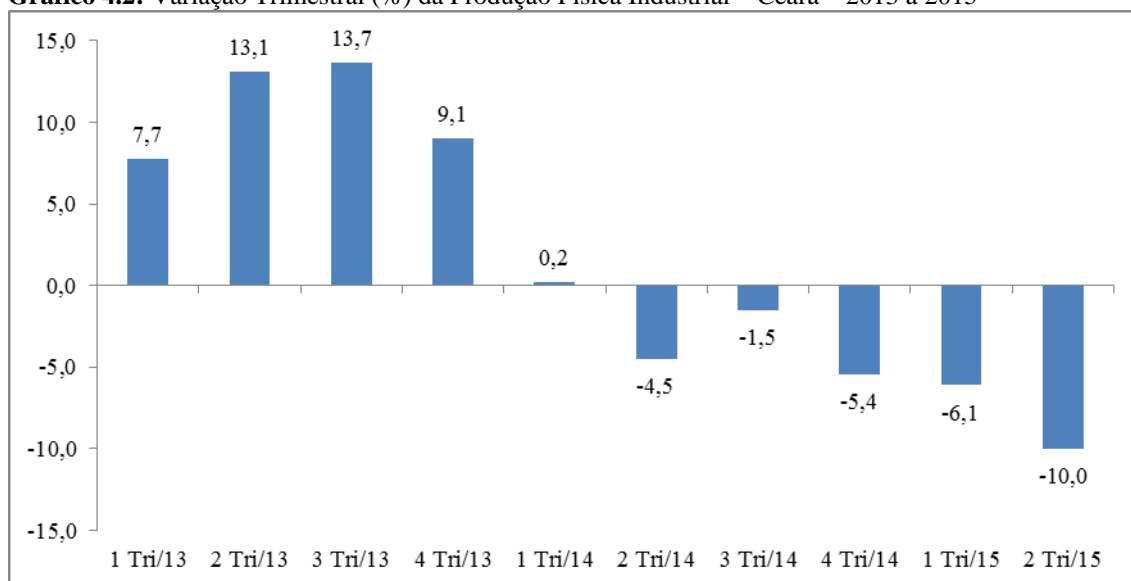
Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

## 4.2 Indústria

### *Indústria de Transformação (Produção Física)*

A indústria de transformação cearense manteve a sequência de resultados negativos que caracterizaram o ano 2014 e o início deste ano. Entre abril a junho de 2015, a produção registrou uma redução de 10,0% na comparação com o mesmo período de 2014, segundo o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE)<sup>2</sup>. Como observado no primeiro trimestre do ano, o resultado intensificou a queda em relação aos períodos anteriores e se constituiu no quinto trimestre seguido de retração neste tipo de comparação. O Gráfico 4.2, a seguir, mostra as taxas trimestrais.

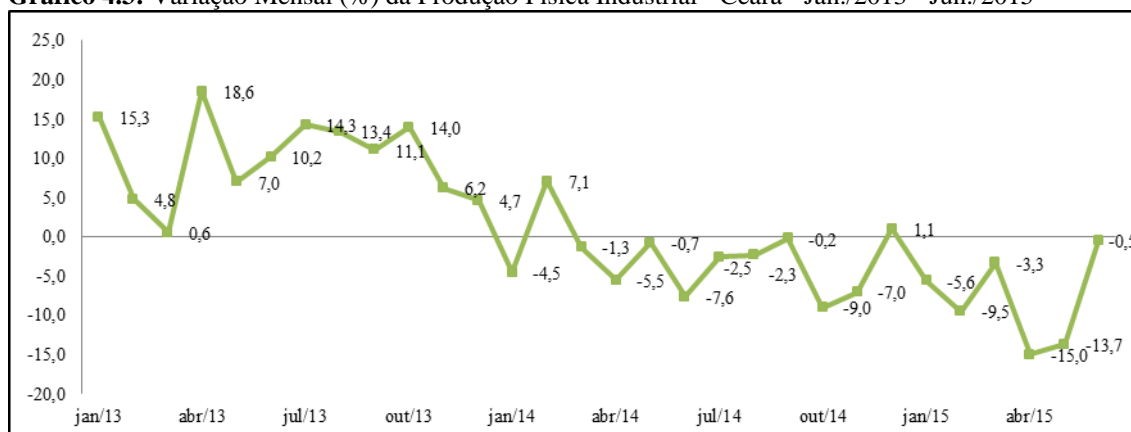
<sup>2</sup> É importante destacar que a Pesquisa Industrial Mensal – produção física (PIM-PF) passou por uma reformulação. Seu ano base passou de 2002 para 2012 e nesta mudança aconteceram algumas alterações importantes: a) adoção da CNAE 2.0, b) atualização da amostra de setores, produtos e informantes, e c) atualização da estrutura de ponderação dos índices. Maiores informações em [http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014\\_05\\_20\\_reformulacao\\_pim\\_pf.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014_05_20_reformulacao_pim_pf.shtm).

**Gráfico 4.2:** Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2013 a 2015

Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O resultado trimestral retrata a queda observada nos meses de abril, maio e junho, cujas taxas foram -15,0%, -13,7% e -0,5%, respectivamente, em relação aos mesmos meses do ano anterior. Com esse desempenho, os seis primeiros meses de 2015 são de encolhimento para atividade industrial no Ceará. Na verdade, as reduções da produção física na comparação mensal ocorrem desde o início de 2014, com exceção apenas nos meses de fevereiro (7,1%) e dezembro (1,1%) do ano passado. O Gráfico 4.3 apresenta a evolução mensal e revela o movimento persistente de retração da atividade industrial no Ceará.

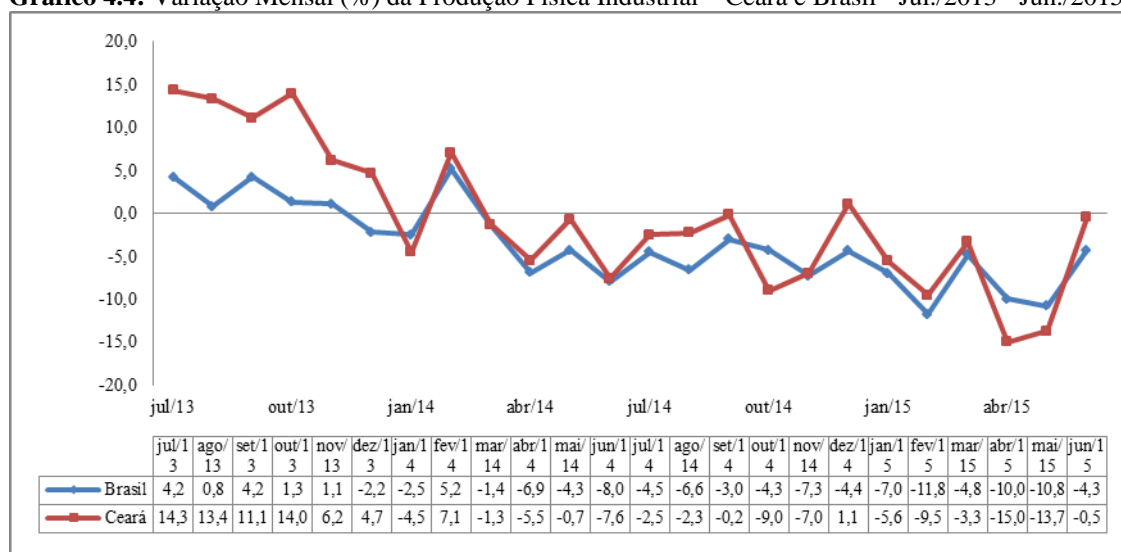
**Gráfico 4.3:** Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Jan./2013 - Jun./2015

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Como destacado na última edição, após apresentar uma trajetória mais descolada da indústria nacional em 2013, a indústria cearense mantém, desde o início de 2014, uma trajetória próxima à observada pela manufatura brasileira. Entretanto, ao contrário do período anterior, neste segundo trimestre de 2015, a indústria de transformação cearense experimentou redução mais intensa que o setor em nível nacional. De qualquer forma, as trajetórias nos últimos dezoito meses evidenciam a conjuntura desfavorável para atividade, constituindo-se em um quadro comum ao país e ao estado do Ceará. O Gráfico 4.4, a seguir, apresenta as taxas mensais.

**Gráfico 4.4:** Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jul./2013 - Jun./2015



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O ano de 2015 chega a sua metade com um quadro de redução na produção nas comparações com o ano anterior, seja na análise mensal, seja considerando os trimestres. O momento atual não só é de manutenção no quadro de diminuição da produção industrial como também se mostra de maior intensidade. De fato, na passagem do primeiro para o segundo trimestre a queda na atividade industrial passou de -6,1% para -10,0%, na comparação com iguais períodos de 2014. Como resultado, no acumulado do ano, a indústria de transformação cearense registrou uma diminuição de 8,0% na produção, resultado praticamente igual à média nacional (-8,1%), mas inferior ao registrado pela região Nordeste (-4,9%), sempre em comparações com 2014.

O ambiente de menor dinamismo e retração na indústria nacional é o resultado de queda na produção observada na maior parte dos Estados pesquisados pelo IBGE. Entre as quatorze

unidades com levantamento, doze delas acumularam resultados negativos ao final do primeiro semestre do ano. Entre as que apresentaram redução se encontram os principais parques industriais do país, enquanto as maiores quedas foram observadas no Amazonas (-15,5%), Rio Grande do Sul (-10,9%) e Rio de Janeiro (-9,5%). Por outro lado, diferenciou-se com resultado positivo apenas a indústria de Espírito Santo (6,7%), favorecida pela indústria petrolífera. A Tabela 4.5 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e região.

**Tabela 4.5:** Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Abr. - Jun./2014 e 2015 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)	Variação Mensal (2015)			Acumulado Ano (2015)
	Abr	Mai	Jun		Abr	Mai	Jun	
<b>Brasil</b>	<b>-6,9</b>	<b>-4,3</b>	<b>-8,0</b>	<b>-3,2</b>	<b>-10,0</b>	<b>-10,8</b>	<b>-4,3</b>	<b>-8,1</b>
<b>Nordeste</b>	<b>1,3</b>	<b>-2,6</b>	<b>-9,2</b>	<b>-0,1</b>	<b>-7,0</b>	<b>-6,1</b>	<b>2,5</b>	<b>-4,9</b>
Espírito Santo	-3,5	-6,8	-2,2	-5,7	4,4	11,3	8,3	6,7
Mato Grosso	3,3	2,5	-3,9	1,4	-7,7	-7,5	6,0	0,0
Pará	1,1	4,2	-0,9	0,4	3,0	-4,2	0,0	-0,5
Goiás	-3,4	2,9	3,8	-0,8	-2,3	-3,4	-4,6	-1,9
Pernambuco	3,0	1,7	-7,3	3,7	-7,9	-11,7	-1,1	-2,1
Santa Catarina	-6,8	0,1	-7,5	-1,5	-6,6	-9,8	0,0	-6,2
Paraná	-13,0	-5,4	-14,4	-4,3	-2,6	-10,1	6,0	-6,5
<b>Ceará</b>	<b>-5,5</b>	<b>-0,7</b>	<b>-7,6</b>	<b>-2,2</b>	<b>-15,0</b>	<b>-13,7</b>	<b>-0,5</b>	<b>-8,0</b>
São Paulo	-8,8	-3,4	-5,7	-4,7	-11,1	-13,9	-9,2	-8,7
Bahia	-1,1	-8,0	-12,9	-4,9	-13,6	-5,5	4,6	-8,9
Minas Gerais	-7,0	-5,4	-7,9	-2,9	-11,3	-10,7	-7,8	-9,4
Rio de Janeiro	-7,3	-8,5	0,6	-3,2	-7,4	-6,0	-7,5	-9,5
Rio Grande do Sul	-10,4	-7,3	-12,5	-3,9	-8,8	-12,6	-8,4	-10,9
Amazonas	0,0	-6,5	-17,4	2,3	-20,6	-14,4	1,1	-15,5

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2015.

### **Resultados Setoriais**

Novamente, o resultado para indústria cearense entre os meses de abril a junho de 2015 refletiu o comportamento apresentado pela maioria dos segmentos que a compõe. Entre as onze atividades pesquisadas, oito delas sofreram redução em sua produção na comparação com o segundo trimestre de 2014.

Os resultados setoriais mostram-se persistentemente negativos quando se observam os últimos trimestres e formam um ambiente de forte retração da indústria de transformação no Ceará. Embora os desempenhos de 2014 ainda sofram os efeitos da base de comparação elevada que foi o ano de 2013, a manutenção dos resultados negativos em 2015, diante de uma base

reduzida que é o ano de 2014, reforçam a existência de problemas estruturais de competitividade e incluem agravantes conjunturais a um cenário já deteriorado. De fato, a influência de tais problemas sobre o desempenho da atividade industrial já tinha sido destacada ao longo dos últimos trimestres.

Além de um ambiente desfavorável à construção de expectativas positivas necessárias para estimular o investimento privado, já sentido pela classe empresarial ainda em 2014, novas fontes de pressão surgiram em 2015. Estes novos ingredientes estão diretamente relacionados ao comportamento do mercado consumidor doméstico. A redução do consumo das famílias em decorrência do menor poder de compra diante de uma inflação crescente, do encarecimento do crédito e da deterioração das expectativas se configuram entraves à retomada da atividade industrial e contribuem para novas reduções na produção. Os primeiros efeitos já se fizeram sentir no início de 2015, e se mostraram mais presentes neste segundo período.

Neste contexto, segmentos importantes da indústria local registraram resultados negativos no segundo trimestre, como foi o caso dos setores Têxtil, Fabricação de bebidas e Couros e calçados, que registraram reduções de 35,3%, 16,1% e 11,3%, respectivamente, nos meses de abril a junho de 2015, na comparação com mesmo período do ano anterior.

Quanto ao setor Têxtil, a redução na produção foi especialmente influenciada pela redução na fabricação de fios e tecidos de algodão, o que pode estar associado tanto à concorrência com os produtos importados, principalmente chineses, quanto com os nacionais. Já para os outros setores destacados, a redução pode estar associada ao menor poder de compra que amplia a restrição orçamentária das famílias forçando uma redistribuição dos gastos. A redução na produção de chope e cerveja, que explica a queda na fabricação do setor de bebidas, é ilustrativa. Com relação à produção de calçados, as alterações na taxa de câmbio ainda não repercutiram como desejado e a atividade se ressentiu da conjuntura interna menos favorável.

Por outro lado, algumas atividades se diferenciaram com resultados positivos em um ambiente de retração para a maioria do setor. No segundo trimestre de 2015, destaques para a Confecção de artigos do vestuário e acessórios, com crescimento de 6,1%, bem como para Fabricação de produtos de minerais não metálicos, com alta de 4,2%. A Tabela 4.6 apresenta os números.

**Tabela 4.6:** Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial por Setores – Ceará – 2014 e 2015

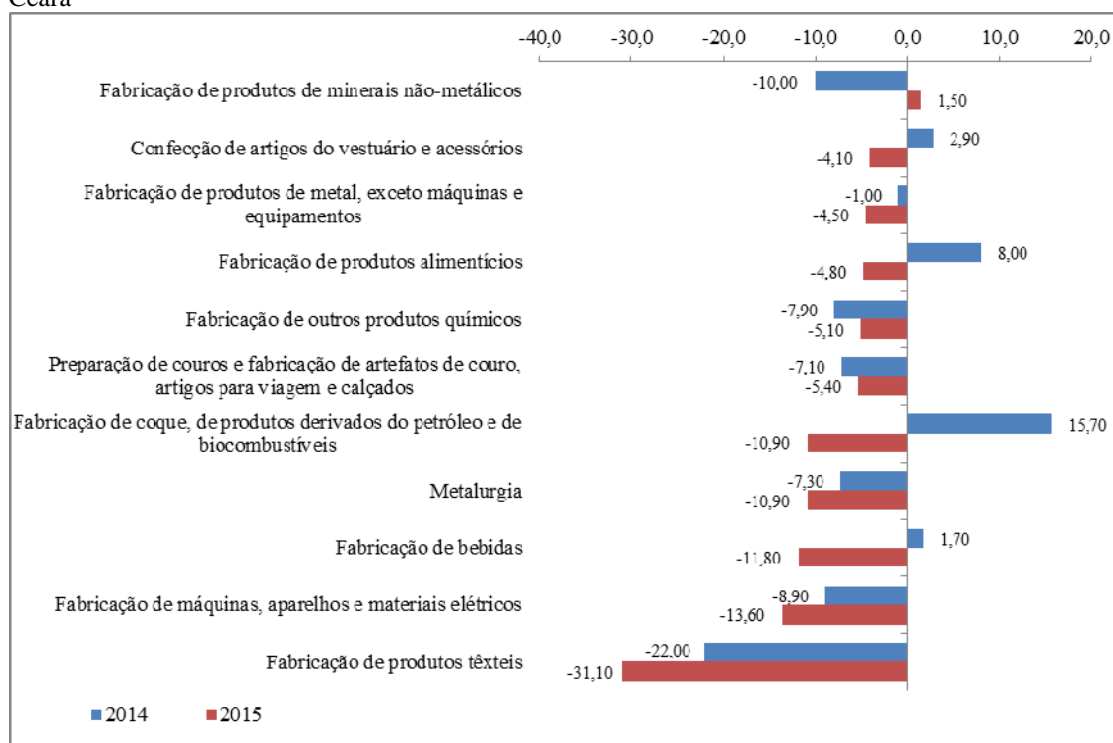
Setores	Variação Trimestral (2014)				Variação Trimestral (2015)	
	2014.I	2014.II	2014.III	2014.IV	2015.I	2015.II
<b>Indústrias de transformação</b>	<b>0,2</b>	<b>-4,5</b>	<b>-1,5</b>	<b>-5,4</b>	<b>-6,1</b>	<b>-10,0</b>
Fabricação de outros produtos químicos	-8,3	-17,0	-0,9	-15,7	-16,1	6,5
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	21,3	-9,1	-3,0	-4,6	-14,1	6,1
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-4,4	-15,0	-8,1	-3,1	-1,0	4,2
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	9,1	-7,6	-17,3	-11,4	-4,7	-4,2
Fabricação de produtos alimentícios	9,0	7,9	9,4	1,8	-1,7	-7,5
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-9,9	-6,7	2,3	-0,4	0,1	-11,3
Metalurgia	-10,7	-3,9	-3,1	3,6	-8,0	-13,6
Fabricação de bebidas	7,2	-0,1	-11,3	-9,9	-7,9	-16,1
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,8	-17,9	-4,4	-21,1	-10,2	-17,5
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	16,5	19,8	9,6	2,1	-3,3	-18,1
Fabricação de produtos têxteis	-21,5	-23,5	-22,8	-36,2	-26,7	-35,3

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2015.

O desempenho de cada setor industrial da economia cearense pode ser mais bem visualizado através do Gráfico 4.5, a seguir, que compara a taxa de crescimento acumulada para os anos de 2014 e 2015.



**Gráfico 4.5:** Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Industrial por Setores Industriais- 2014 e 2015 – Ceará

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2015.

A avaliação para o segundo trimestre de 2015 acentua as análises negativas comuns aos períodos anteriores e se repete o diagnóstico do último informativo. Os resultados indicam a plena continuidade do cenário adverso e de encolhimento para atividade industrial no Estado e no país.

O ano alcança a sua primeira metade de maneira ainda mais complicada para indústria de transformação cearense. Além da concorrência internacional, das questões estruturais que reduzem o poder de competição e do ambiente de deterioração das expectativas que caracterizaram 2014, tem-se agora o cenário de redução do consumo das famílias devido a forte queda no poder de compra da população. Para indústria cearense esse quadro pode ser especialmente nocivo, dada sua estrutura produtiva caracterizada pela produção de bens não duráveis voltados ao consumo final.

Por outro lado, alguns aspectos positivos podem ser identificados, mas precisam ser materializados o mais rapidamente possível. As mudanças na condução da política econômica e a efetivação dos necessários ajustes a nível federal podem reverter o processo de deterioração das expectativas e potencializar o início de uma retomada da atividade. Em

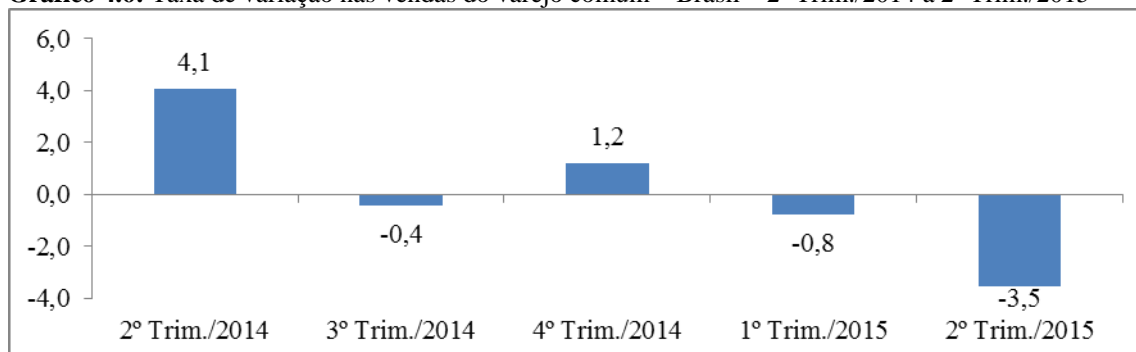
particular para o Ceará, o comportamento da taxa de câmbio decorrente da desvalorização da moeda nacional deve estimular as exportações e dificultar a entrada de bens estrangeiros, oferecendo algum alívio para o segmento. Outro ponto de destaque é disposição do governo local em conduzir um processo de concessão de atividades à iniciativa privada, estimulando investimentos que podem contribuir para reanimar a economia.

### 4.3 Serviços (Comércio Varejista)

#### *Varejo Comum*

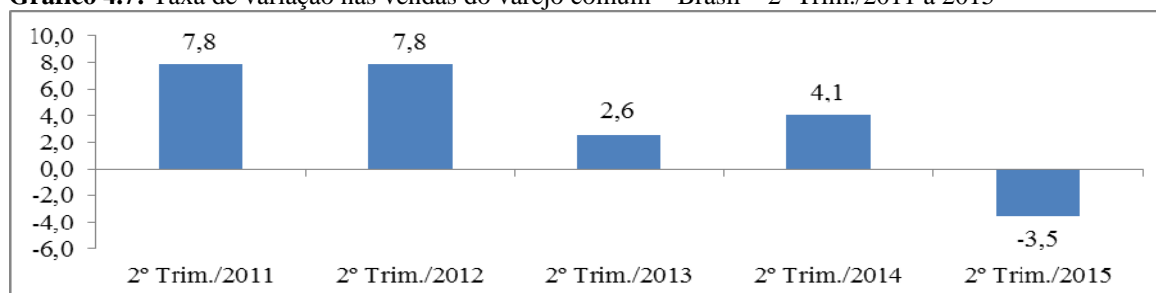
Dados da PMC do IBGE para o varejo nacional registraram pela segunda vez consecutiva queda nas vendas no segundo trimestre de 2015 de 3,5% na comparação com igual período do ano anterior. Isso reflete a deterioração das expectativas dos agentes em relação a conjuntura econômica do país que somado ao encarecimento do crédito, endividamento das famílias e aumento do desemprego ajudaram o varejo a alcançar sua pior marca nos últimos cinco trimestres.

**Gráfico 4.6:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum – Brasil – 2º Trim./2014 a 2º Trim./2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Na comparação trimestral feita no Gráfico 4.7 é possível perceber a nítida perda de dinamismo das vendas do varejo nacional que passou de um sinal positivo de crescimento até o segundo de 2014 para um sinal negativo no segundo trimestre de 2015.

**Gráfico 4.7:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum – Brasil – 2º Trim./2011 a 2015

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Na análise da dinâmica das vendas estaduais é possível notar na Tabela 4.7 que apenas quatro estados no país apresentaram crescimento nas vendas no segundo trimestre de 2015: Sergipe, Roraima, Acre e Santa Catarina. A maior queda foi observada no estado da Paraíba, seguido por Goiás, Amapá e Pernambuco.

Essa realidade é bem diferente daquela observada no segundo trimestre de 2011 quando apenas o estado do Amapá registrou queda nas vendas no período. Em 2012, todos os estados apresentaram variações positivas no varejo. Já em 2013, apenas o estado de Minas Gerais registrou uma leve queda. Por fim, em 2014, todos os estados novamente registraram crescimento no referido setor.

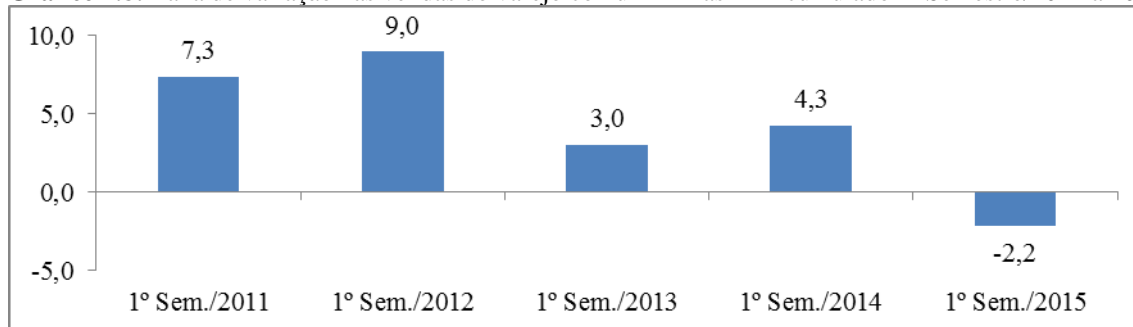
**Tabela 4.7:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum – Brasil e Estados – 2º trimestre – 2011 a 2015

Unidade da Federação	2º Trim./2011	2º Trim./2012	2º Trim./2013	2º Trim./2014	2º Trim./2015
Sergipe	3,0	5,0	3,5	1,1	5,7
Roraima	5,6	26,7	11,7	6,8	5,5
Acre	12,5	16,0	1,6	11,5	2,9
Santa Catarina	5,2	8,0	0,1	1,7	1,1
Tocantins	26,7	14,2	5,5	7,5	-0,2
Mato Grosso do Sul	5,2	12,3	10,1	6,1	-0,3
Paraná	7,0	10,3	3,4	3,8	-1,4
Pará	8,7	10,1	4,7	2,5	-1,9
Minas Gerais	10,6	7,6	-0,4	3,1	-2,6
Rio Grande do Norte	8,1	6,6	9,0	4,3	-2,6
São Paulo	6,7	8,2	2,1	3,6	-3,1
Rio de Janeiro	9,9	3,2	3,4	5,6	-3,5
Rio Grande do Sul	8,0	8,1	2,5	3,9	-4,0
Ceará	8,3	9,8	3,1	8,6	-4,3
Piauí	8,7	7,6	2,2	3,8	-4,5
Maranhão	10,5	11,2	7,0	7,2	-4,8
Rondônia	9,9	5,2	9,3	11,8	-5,1
Distrito Federal	5,4	5,7	1,2	2,7	-5,3
Bahia	10,0	10,4	1,1	5,1	-5,9
Alagoas	4,3	7,9	4,8	6,9	-6,1
Espírito Santo	9,3	10,9	1,3	1,7	-6,9
Amazonas	6,6	8,7	0,0	1,3	-7,0
Mato Grosso	3,8	6,1	8,0	2,2	-7,0
Pernambuco	9,4	10,9	3,5	5,7	-7,1
Amapá	-1,8	17,2	4,9	9,2	-8,8
Goiás	7,9	10,4	2,3	4,1	-10,6
Paraíba	16,4	7,8	9,6	6,9	-11,2
<b>Brasil</b>	<b>7,8</b>	<b>7,8</b>	<b>2,6</b>	<b>4,1</b>	<b>-3,5</b>

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Como reflexo desses resultados, o varejo nacional passou a registrar a primeira queda no acumulado do ano nas vendas do varejo comum nos últimos cinco anos igual a 2,2% refletindo o momento de crise pelo qual está passando os brasileiros.

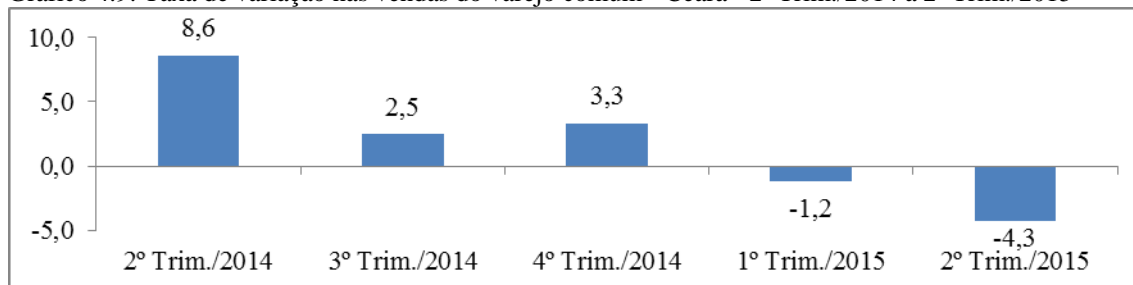
**Gráfico 4.8:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum – Brasil – Acumulado 1º Semestre/2011 a 2015



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

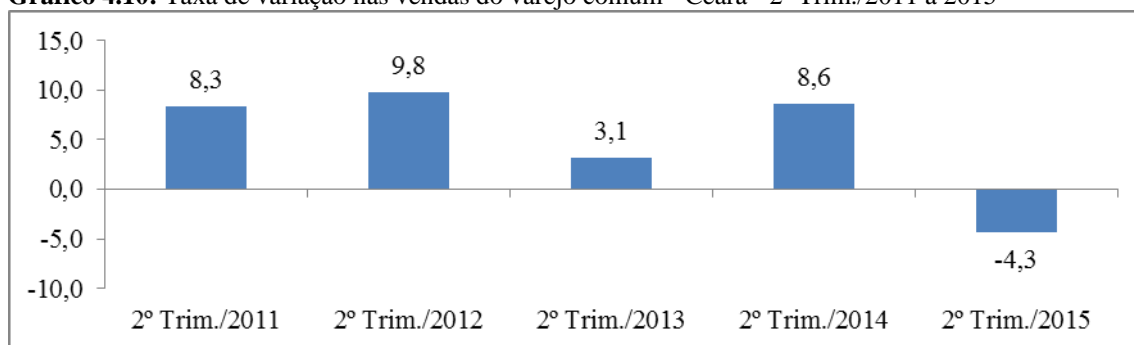
Com relação ao varejo comum cearense é possível notar a segunda queda sucessiva, reflexo também do ritmo de desaceleração nas vendas, revertendo completamente a trajetória de sucessivas taxas de crescimento positivas observadas até então, revelando que os efeitos da crise também alcançaram o referido estado.

**Gráfico 4.9:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum - Ceará - 2º Trim./2014 a 2º Trim./2015



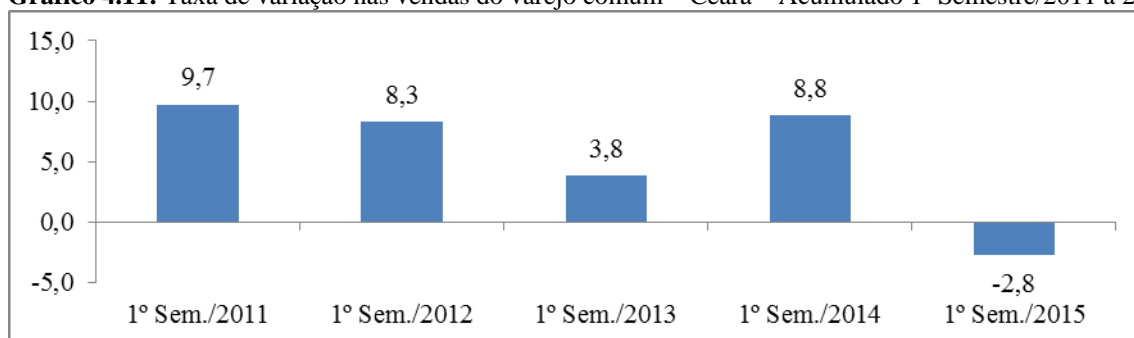
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 4.10 mostra a comparação trimestral das taxas de crescimento nas vendas do varejo comum cearense entre os anos de 2011 e 2015 para o período do segundo trimestre. Pode ser observado que foi registrado pela primeira vez, em cinco anos, queda nas vendas do varejo comum para esse período.

**Gráfico 4.10:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum - Ceará - 2º Trim./2011 a 2015

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

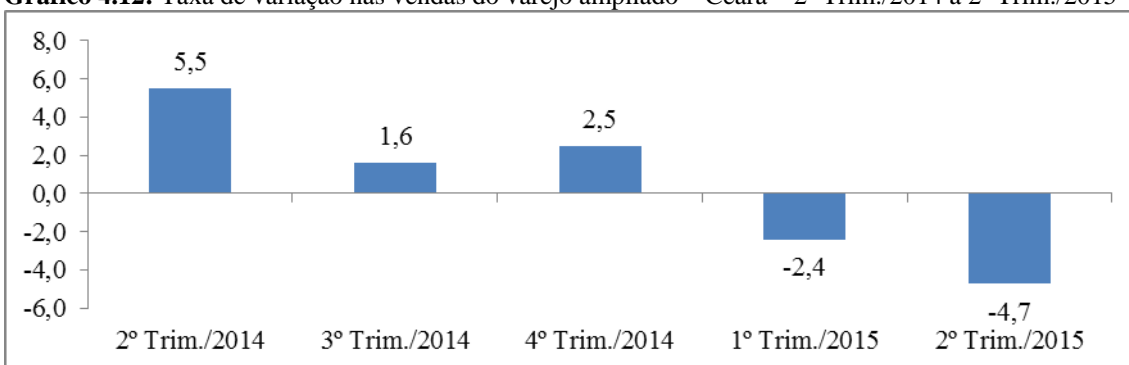
Novamente, como reflexo dos resultados trimestrais, o varejo comum cearense passou também a registrar queda nas vendas do acumulado do ano até junho de 2,8%.

**Gráfico 4.11:** Taxa de variação nas vendas do varejo comum – Ceará – Acumulado 1º Semestre/2011 a 2015

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

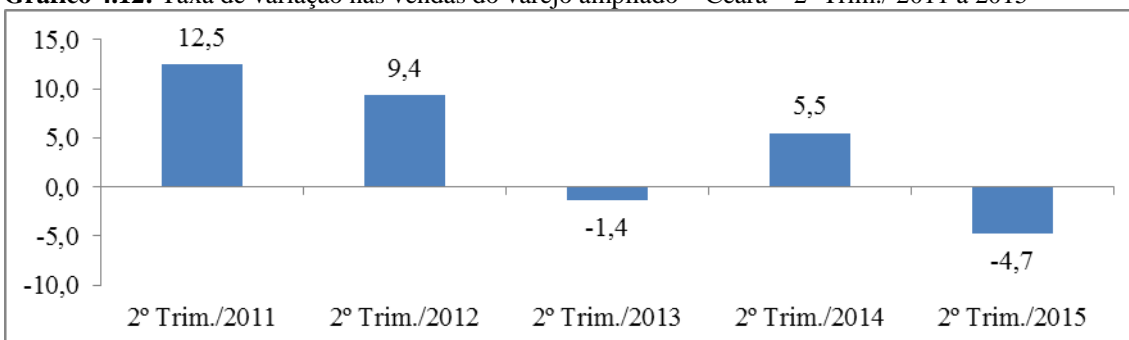
### ***Varejo Ampliado***

Através do Gráfico 4.12 temos a possibilidade de compreender o comportamento das vendas do varejo ampliado cearense que inclui além dos setores que formam o varejo comum, as vendas de automóveis e de materiais de construção. Também nessa atividade foi nítida a trajetória de desaceleração do ritmo de vendas culminando em queda ainda maior no segundo trimestre de 2015.

**Gráfico 4.12:** Taxa de variação nas vendas do varejo ampliado – Ceará – 2º Trim./2014 a 2º Trim./2015

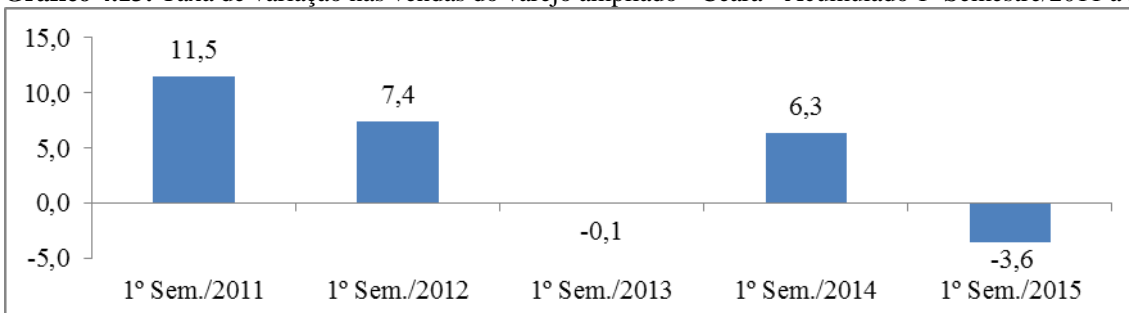
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 4.12 esboça a diferença de taxa de crescimento no segundo trimestre das vendas do varejo ampliado cearense dos últimos cinco anos. Nota-se que após a nítida recuperação no ritmo das vendas no segundo trimestre de 2014, o varejo ampliado local passou a registrar a maior queda em 2015 dos últimos cinco anos.

**Gráfico 4.12:** Taxa de variação nas vendas do varejo ampliado – Ceará – 2º Trim./ 2011 a 2015

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Conforme pode ser visto no Gráfico 4.13 o varejo ampliado cearense também registrou queda no acumulado do ano até junho de 2015 de 3,6%.

**Gráfico 4.13:** Taxa de variação nas vendas do varejo ampliado - Ceará - Acumulado 1º Semestre/2011 a 2015

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 4.8 apresenta todas as taxas de crescimento do acumulado do ano dos últimos cinco anos. Nota-se que apenas quatro dos treze setores presentes registraram elevação no seu ritmo de vendas em 2015 comparado a igual período de 2014. Os setores que registraram as maiores quedas foram equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; livros, jornais, revistas e papelaria; veículos, motocicletas, partes e peças; móveis e eletrodomésticos; e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo para listar as cinco maiores.

**Tabela 4.8:** Taxa de variação nas vendas do varejo por setores – Ceará – Acumulado do ano – 2011 a 2015

<b>Atividades</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	20,6	11,3	23,7	0,8	9,9
Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	5,2	4,3	8,8	7,0
Material de construção	1,9	17,6	0,1	8,0	7,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	3,5	-0,8	0,4	22,4	2,1
Combustíveis e lubrificantes	-4,4	20,7	16,0	11,5	-2,0
Móveis	-	7,8	23,4	14,3	-4,2
Hipermercados e supermercados	10,8	5,6	-0,8	5,5	-5,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	10,6	5,5	-0,2	4,8	-5,3
Móveis e eletrodomésticos	14,7	18,5	5,5	14,2	-6,5
Eletrodomésticos	-	26,8	-3,2	13,4	-7,8
Veículos, motocicletas, partes e peças	16,0	3,8	-7,8	0,6	-8,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	39,4	-5,4	1,2	-4,0	-14,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	16,3	-16,7	-11,8	19,2	-25,8

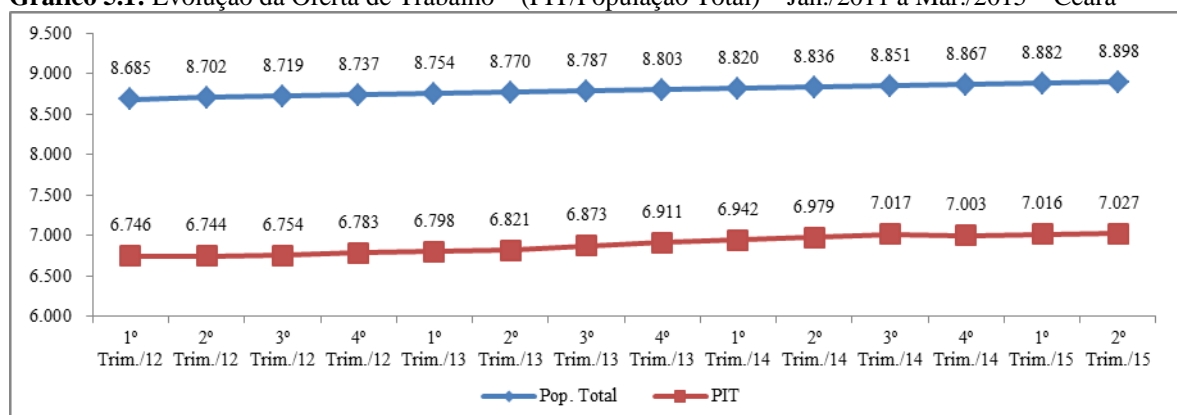
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

## 5 MERCADO DE TRABALHO

### 5.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

O Gráfico 5.1 a seguir apresenta a população total do Estado do Ceará além da população em idade de trabalhar (14 anos ou mais de idade). Os dados da pesquisa mostraram o crescimento vegetativo do contingente populacional cearense, que chegou a 8,8 milhões de habitantes no segundo trimestre de 2015.

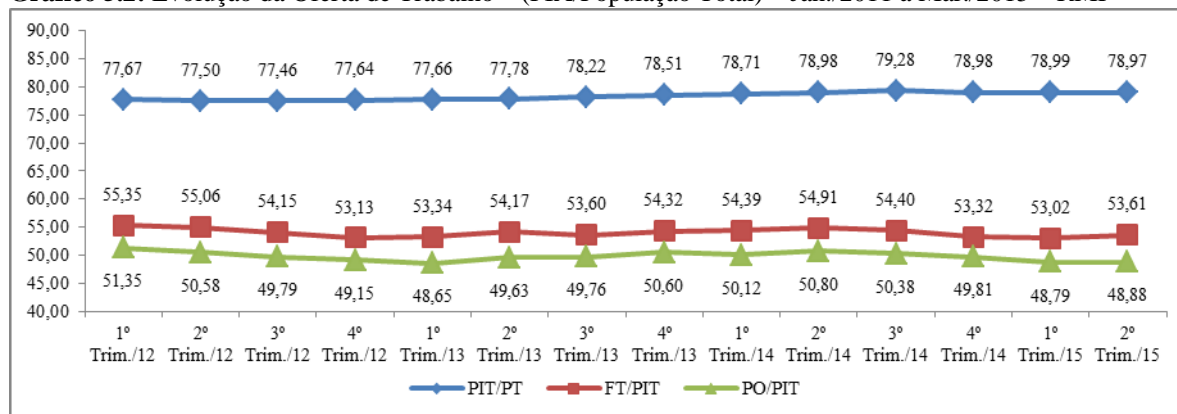
**Gráfico 5.1:** Evolução da Oferta de Trabalho – (PIT/População Total) – Jan./2011 a Mar./2015 – Ceará



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 5.2 são apresentados os indicadores de Oferta de Trabalho (PIT/População Total), dado pelo percentual de pessoas em idade de trabalhar em relação à população total, a Taxa de Participação, representada pelo percentual da Força de Trabalho (Ocupados e Desocupados) com relação aqueles em idade de trabalhar e, finalmente, um indicador de demanda composto pelo nível de ocupação, dado pela população ocupada com relação à população em idade de trabalhar.

**Gráfico 5.2:** Evolução da Oferta de Trabalho – (PIA/População Total) – Jan./2011 a Mar./2015 – RMF



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.



Quando a força de trabalho expande-se mais velozmente do que a população tem-se o chamado bônus demográfico. Nesse contexto, o contingente de trabalhadores se amplia num ritmo ainda maior, reforçando a possibilidade de elevação do PIB. Como observado no Gráfico 5.2 a oferta de trabalho do Estado do Ceará elevou-se timidamente desde o início da pesquisa, mas se manteve estável ao longo dos três últimos trimestres.

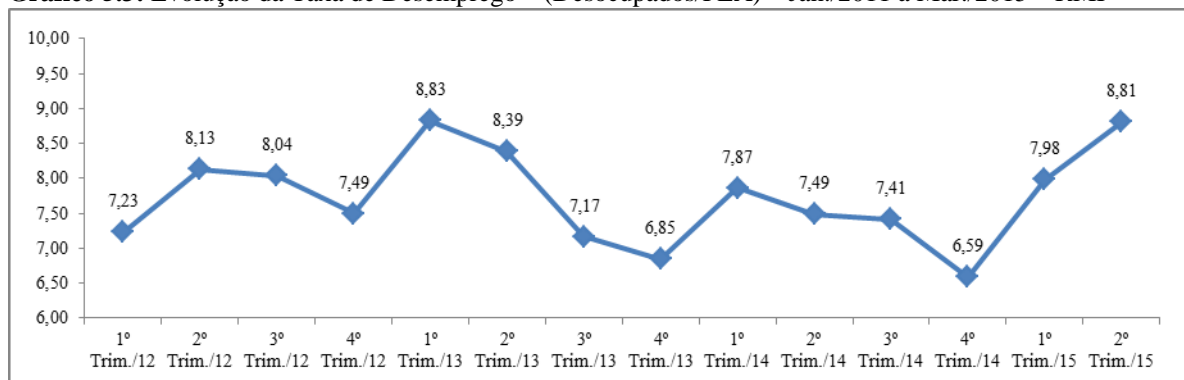
A taxa de participação, por outro lado, apresentou uma redução de quase dois pontos percentuais desde o início da série, no primeiro trimestre de 2012, até o segundo trimestre de 2015. Todavia, ao longo da série o indicador vem perdendo força, atingindo o patamar de 53,61% no primeiro trimestre de 2015.

Outro indicador presente no Gráfico 5.2 que pode representar uma *proxy* de demanda é o nível de ocupação. Desde o segundo trimestre de 2014 o nível de ocupação vem arrefecendo, registrando nos dois primeiros trimestres de 2015 os níveis mais baixos da série histórica.

No Gráfico 5.3 é apresentada a evolução da taxa de desemprego da série. Como pode ser observado, desde o último trimestre de 2014 o percentual de desocupados vem crescendo, alcançando, no segundo trimestre de 2015, a taxa de 8,81%, valor praticamente idêntico ao do primeiro trimestre de 2013, maior taxa da série.

Esse resultado também explica parte da queda da demanda por postos de trabalho tendo em conta que o ajuste no mercado de trabalho ocorreu pelo maior número de pessoas que perderam emprego ou, então, passaram a procurar algum tipo de ocupação.

**Gráfico 5.3:** Evolução da Taxa de Desemprego – (Desocupados/PEA) – Jan./2011 a Mar./2015 – RMF



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração: IPECE.

## 5.2. Emprego Formal

Os dados divulgados pela CAGED, do Ministério do Trabalho e Emprego, mostram o fechamento de 329.220 vagas de trabalho com carteira assinada no acumulado do ano até junho em todo o Brasil, sendo 45.934 no primeiro trimestre e 283.286 no segundo trimestre. (Tabela 5.1).

Nos últimos quatro anos, o Brasil sempre havia registrado abertura de novas vagas de trabalho no período acumulado do 2º trimestre. Todavia, desde 2011 essa dinâmica vem demonstrando sinais de perda da sua força.

**Tabela 5.1:** Saldo de empregos gerados – Brasil e Estados – 2º Trim./2011 a 2015

Unidade da Federação	2º Trim./2011	2º Trim./2012	2º Trim./2013	2º Trim./2014	2º Trim./2015
Goiás	37.546	39.558	42.002	25.255	10.995
Mato Grosso do Sul	14.224	14.220	11.725	2.087	1.938
Maranhão	9.224	8.897	3.360	3.825	709
Acre	2.885	3.737	1.984	961	637
Piauí	7.085	5.070	7.195	5.213	558
Tocantins	2.445	4.617	2.763	2.990	425
Roraima	-445	542	186	825	-19
Distrito Federal	8.997	8.096	7.785	5.651	-119
Mato Grosso	18.163	17.892	13.866	7.516	-314
Amapá	1.788	1.836	1.155	-225	-697
Para	11.715	19.657	8.783	17.894	-1.589
Ceará	14.809	10.402	18.574	8.897	-2.423
Rondônia	3.315	2.745	760	2.527	-2.844
Minas Gerais	147.537	115.518	89.825	59.850	-3.342
Rio Grande do Norte	1.202	2.989	1.672	1.228	-4.424
Sergipe	2.071	-464	3.646	-321	-5.526
Paraíba	6.536	6.886	5.616	1.192	-5.968
Espírito Santo	21.137	11.232	10.654	8.533	-8.985
Amazonas	15.021	4.919	6.834	-3.384	-10.811
Paraná	47.893	43.917	38.700	17.626	-11.510
Bahia	43.505	21.422	26.475	12.169	-12.669
Santa Catarina	17.803	13.015	21.290	8.352	-18.118
Alagoas	-15.264	-13.061	-15.823	-20.342	-24.557
Pernambuco	21.862	18.407	3.447	-17.200	-32.688
Rio de Janeiro	71.098	53.384	42.345	32.639	-33.962
Rio Grande do Sul	31.051	16.148	15.135	1.469	-35.773
São Paulo	288.243	195.873	171.751	76.384	-82.210
<b>Brasil</b>	<b>831.446</b>	<b>627.454</b>	<b>541.705</b>	<b>261.611</b>	<b>-283.286</b>

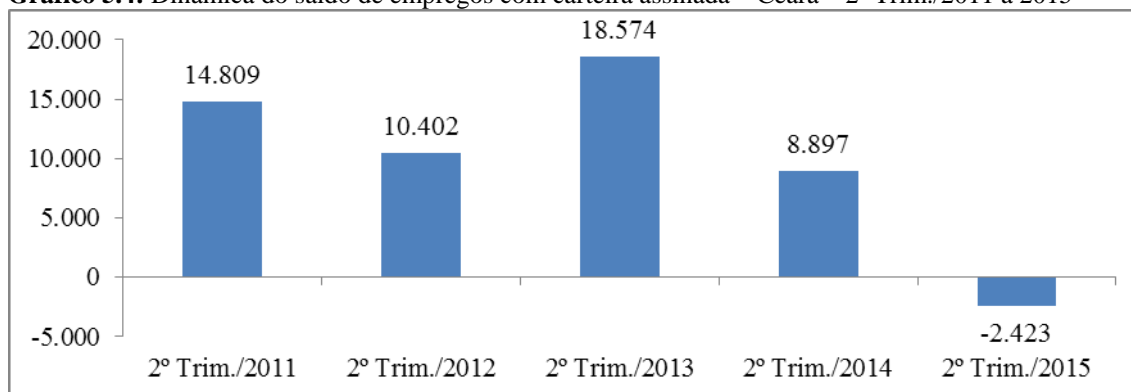
Fonte: CAGED/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2011 e 2012 apenas dois estados haviam registrado fechamento de vagas de trabalho celetista no acumulado do 2º trimestre do ano. Em 2013, apenas Alagoas registrou saldo negativo de empregos celetistas no período. Em 2014, o número de estados a fechar vagas de

trabalho foi igual a cinco (Amapá, Sergipe, Amazonas, Alagoas e Pernambuco). Todavia, no segundo trimestre de 2015, apenas seis estados conseguiram registrar abertura de novas vagas de trabalho: Goiás, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Acre, Piauí e Tocantins.

O Ceará vem também se ressentindo dos efeitos macroeconômicos sobre sua capacidade de geração de novos postos de trabalho. Em 2011, o estado havia criado 14.809 novos postos de trabalho no acumulado do segundo trimestre, alcançando o maior valor de geração em 2013. Todavia, no segundo trimestre de 2015 houve fechamento de 2.423 vagas de trabalho com carteira assinada que somada com a perda de 8.458 vagas no primeiro trimestre totalizou 10.881 postos de trabalho a menos no acumulado até junho do ano de 2015. (Gráfico 5.4).

**Gráfico 5.4:** Dinâmica do saldo de empregos com carteira assinada – Ceará – 2º Trim./2011 a 2015



Fonte: CAGED/IBGE. Elaboração: IPECE

Já a Tabela 5.2 apresenta a distribuição da geração e perda de postos de trabalho com carteira assinada por setores na economia cearense para o acumulado do segundo trimestre dos últimos cinco anos. Fica evidente a importância do setor de Serviços para a economia do estado, que registrou a maior geração de novas vagas de trabalho para o segundo trimestre dos anos de 2011 a 2014.

O setor que mais gerou novos postos de trabalho no acumulado do segundo trimestre do ano de 2015 foi a construção civil (1.371 vagas), seguido pelo setor de serviços (1.090 vagas) e pela agropecuária (478 vagas). Por outro lado, chama atenção a forte perda de postos de trabalho celetistas observado tanto na indústria de transformação (-4.517 vagas) e no comércio (-707 vagas), além do setor de serviços industriais de utilidade pública que fechou 238 vagas no mesmo período.

**Tabela 5.2:** Saldo de empregos gerados por setores – Ceará – 2º Trim./2011 a 2015

Setores	2º Trim./2011	2º Trim./2012	2º Trim./2013	2º Trim./2014	2º Trim./2015
Const. Civil	4.205	-181	3.148	1.325	1.371
Serviços	7.662	7.612	7.602	5.912	1.090
Agrop., extr veg., caça	870	1.170	1.718	952	478
Adm. Públ.	197	204	105	131	120
Extrativa Mineral	56	37	109	-58	-20
SIUP	-61	57	156	261	-238
Comércio	3.045	2.108	2.654	843	-707
Ind. Transf.	-1.165	-605	3.082	-469	-4.517
<b>Ceará</b>	<b>14.809</b>	<b>10.402</b>	<b>18.574</b>	<b>8.897</b>	<b>-2.423</b>

Fonte: CAGED/IBGE. Elaboração: IPECE

Em suma, é possível afirmar que a geração de empregos na economia cearense acompanhou o ritmo observado pelo país, de fechamento de postos de trabalho, resultado da manutenção e agravamento do quadro de expectativas negativas em relação ao cenário econômico apresentado desde o início do ano. Em função das ações tomadas pelo governo, as expectativas dos agentes econômicos estão mudando e isso tem afetado as decisões de novas contratações.

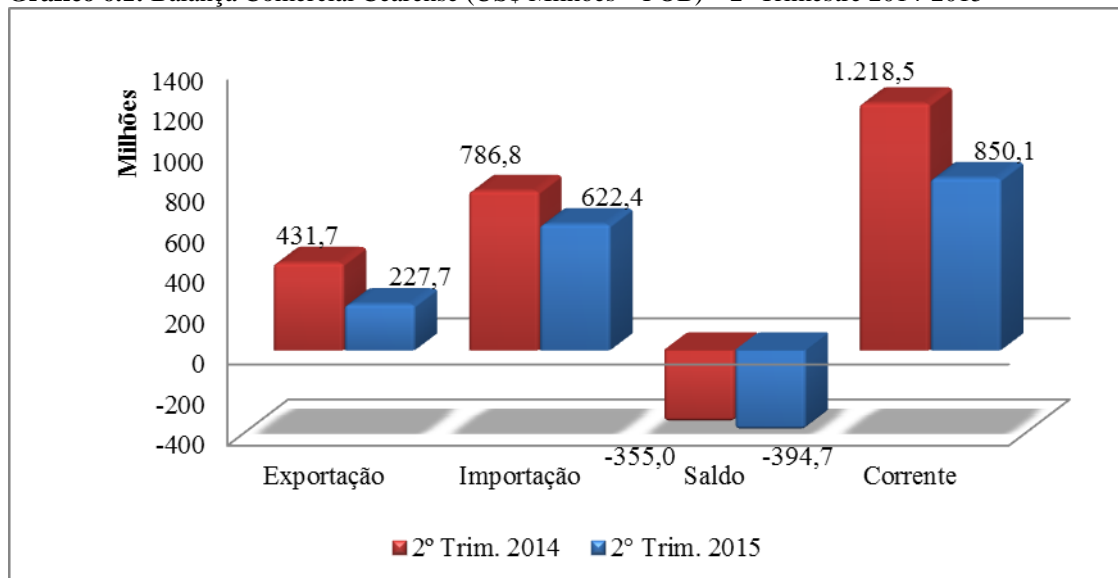
## 6 COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Ceará no segundo trimestre de 2015 totalizaram US\$ 227,69 milhões, expressando uma redução de 47,26% em relação ao mesmo trimestre do ano de 2014. As importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 622,40 milhões, apresentando também uma queda de 20,89%, comparada ao ano anterior. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 394,71 milhões maior do que o observado no mesmo período do ano passado (-US\$ 355,04 milhões). Com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará no segundo trimestre de 2015 alcançou o valor de US\$ 850,09 milhões, com redução de 30,24% em relação ao mesmo período de 2014. (Gráfico 6.1).

No panorama nacional, o Ceará se classificou como o décimo sétimo estado exportador do Brasil, apresentando uma participação de 0,44% do total nacional, caindo três posições em relação ao primeiro trimestre desse ano. Da mesma forma, o Estado permanece na décima quarta posição com relação às importações, participando com 1,42% do total nacional. No cenário regional, caiu de posição, passando a ocupar o quarto lugar, contribuindo com 6,27% do total exportado pelo Nordeste no segundo trimestre de 2015, sendo superado pelos estados

da Bahia (52,22%), Maranhão (24,84%) e Pernambuco (6,49%). Com relação às importações, permaneceu em quarto lugar, ficando atrás da Bahia (1º), Pernambuco (2º) e Maranhão (3º).

**Gráfico 6.1:** Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 2º Trimestre 2014-2015



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

### *Exportações*

A pauta de exportação cearense no segundo trimestre de 2015 foi liderada pelas vendas de calçados e partes, representando 24,81% do total exportado pelo estado e totalizando o valor de US\$ 56,50 milhões. Portanto, houve uma queda na exportação desse setor (18,40%), quando comparado ao segundo trimestre de 2014, ocorrida, especialmente, pela diminuição das vendas externas para Áustria, Angola, alguns países da América Latina (Argentina, Paraguai e Colômbia) e Europa. (Tabela 6.1)

Couros e peles ocuparam o segundo lugar, gerando uma receita de, aproximadamente, US\$ 44,62 milhões e participação de 19,60% do total da pauta de vendas nesse segundo trimestre de 2015. No entanto, destaca-se a queda de 19,67% na venda dessa categoria comparada ao mesmo período do ano anterior, causada pela redução das exportações desses produtos para Hong Kong, Índia, Vietnã e para países da Europa (Alemanha, Hungria e Espanha).

A castanha de caju ficou em terceiro lugar, com a quantia exportada de US\$ 22,75 milhões, apresentando um aumento das vendas de 5,45% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo como principais compradores os Estados Unidos (US\$ 11,35 milhões), Canadá (US\$ 2,45 milhões) e Reino Unido (US\$ 2,21 milhões).

O aumento do valor exportado do setor de máquinas e equipamentos também merece destaque. Este ganho representou, em valores absolutos, o montante de US\$ 10,91 milhões, em comparação ao mesmo período de 2014, sendo a Alemanha o principal país de destino (US\$ 10,03 milhões).

Por sua vez, houve crescimento significativo no setor têxtil (66,95%), na comparação com o segundo trimestre do ano passado, totalizando o valor de US\$ 13,07 milhões, devido principalmente ao aumento das vendas para países da América Latina (Argentina, Colômbia, Paraguai, México e Venezuela). Houve também um aumento do valor exportado de preparações alimentícias diversas (25,03%), lagostas (35,09%) e de obras de pedra, gesso, cimento, mica etc (23,84%).

A principal via de escoamento dos produtos cearenses no segundo trimestre de 2015 continuou sendo a marítima (87,51%), pelos portos do Pecém (29,15%), de Fortaleza (26,05%) e de Santos (12,83%).

**Tabela 6.1:** Principais produtos exportados – 2º trimestre – 2014-2015 (US\$ FOB)

Principais Produtos	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
Calçados e partes	69.244.440	16,04	56.501.294	24,81	-18,40
Couros e Peles	55.560.053	12,87	44.629.751	19,60	-19,67
Castanha de caju	21.577.356	5,00	22.752.516	9,99	5,45
Preparações alimentícias diversas	16.639.133	3,85	20.804.335	9,14	25,03
Ceras vegetais	14.750.915	3,42	15.604.461	6,85	5,79
Têxteis	7.832.130	1,81	13.075.524	5,74	66,95
Máquinas e equipamentos	611.379	0,14	11.528.193	5,06	1785,61
Lagostas	4.916.352	1,14	6.641.400	2,92	35,09
Frutas	4.674.806	1,08	5.253.470	2,31	12,38
Obras de pedra, gesso, cimento, mica etc	3.801.999	0,88	4.708.541	2,07	23,84
Demais Produtos	232.131.024	53,77	26.192.077	11,50	-88,72
<b>Ceará</b>	<b>431.739.587</b>	<b>100,00</b>	<b>227.691.562</b>	<b>100,00</b>	<b>-47,26</b>

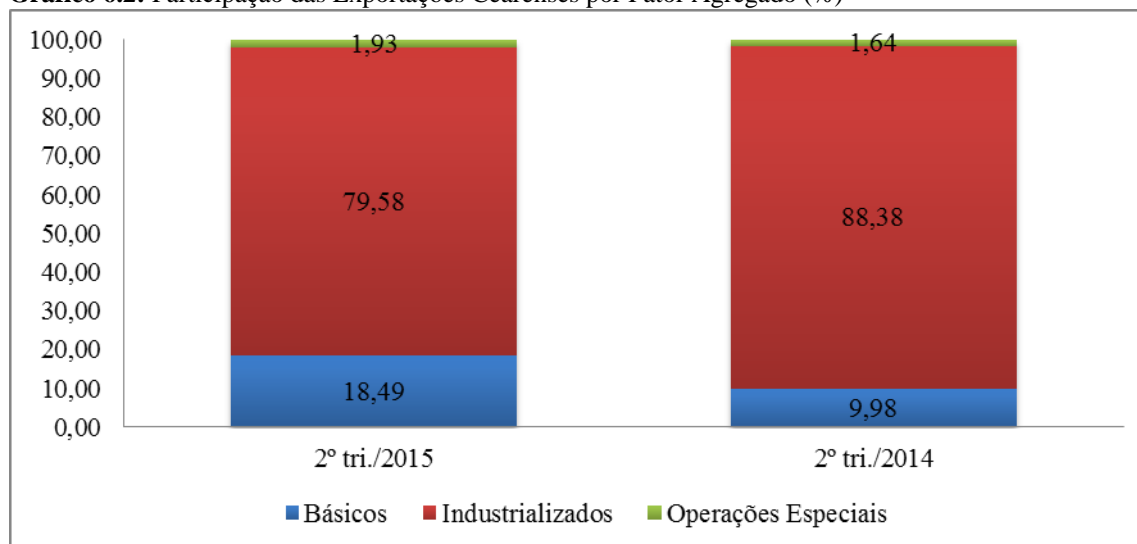
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

No segundo trimestre no ano, a pauta de exportação por fator agregado do Ceará foi constituída, principalmente, por produtos industrializados como pode ser analisado no Gráfico 6.2. As exportações de produtos básicos no segundo trimestre de 2015 apresentaram um

aumento relevante de 8,51%, em comparação ao mesmo período do ano anterior, tendo atingido o valor de US\$ 42,09 milhões.

Já as exportações de produtos industrializados representaram 79,58% do total no segundo trimestre de 2015, totalizando um valor de US\$ 181,20 milhões e tendo reduzido sua participação quando comparado ao mesmo período de 2014.

**Gráfico 6.2:** Participação das Exportações Cearenses por Fator Agregado (%)



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Os três principais destinos que se destacaram por sua representatividade foram os Estados Unidos, Argentina e Alemanha. (Tabela 6.2). Os Estados Unidos continuam se destacando como principal país importador dos produtos cearenses, apresentando um crescimento de 20,44% em relação ao segundo trimestre de 2014, totalizando o valor de US\$ 61,88 milhões. Os principais produtos adquiridos pelos EUA da pauta do estado foram a *Castanha de caju e os Sucos (sumo) de outras frutas*.

Ocupando o segundo lugar nas exportações cearenses, a Argentina apresentou uma redução de 15,20% em suas compras em relação ao mesmo período do ano passado, importando o equivalente a US\$ 14,11 milhões, com destaques para *Calçados e partes e produtos Têxteis*. Em terceiro lugar vem a Alemanha que apresentou crescimento expressivo (168,73%) quando comparado ao segundo trimestre do ano anterior, com um valor de US\$ 14,05 milhões, sendo a maior parte representada por *Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc.* (US\$ 10,03 milhões).

É importante apontar a acentuada queda (-87,77%) nas exportações para Países Baixos (Holanda) em relação ao segundo trimestre do ano passado, motivada pela falta de compra de *Fuel Oil*. A participação da Holanda nesse segundo trimestre foi de 3,86%, com receita de US\$ 8,79 milhões, uma diferença de aproximadamente US\$ 63 milhões, quando comparada ao mesmo período do ano passado.

**Tabela 6.2:** Principais Destinos das Exportações - 1º Trimestre de 2014-2015 (US\$ FOB)

Principais Países	2014		2015		Var Trim. (%) 15/14
	US\$ FOB	Part.(%)	US\$ FOB	Part.(%)	
Estados Unidos	51.385.496	11,90	61.888.859	27,18	20,44
Argentina	16.639.494	3,85	14.111.007	6,20	-15,20
Alemanha	5.228.576	1,21	14.050.666	6,17	168,73
China	14.660.594	3,40	13.419.894	5,89	-8,46
Hungria	15.925.942	3,69	12.170.937	5,35	-23,58
Itália	11.400.782	2,64	10.813.136	4,75	-5,15
Países Baixos (Holanda)	71.868.661	16,65	8.792.035	3,86	-87,77
México	5.669.653	1,31	6.864.369	3,01	21,07
Paraguai	7.807.917	1,81	6.742.959	2,96	-13,64
Colômbia	7.573.268	1,75	6.296.851	2,77	-16,85
Demais Países	223.579.204	51,79	72.540.849	31,86	-67,55
<b>Ceará</b>	<b>431.739.587</b>	<b>100,00</b>	<b>227.691.562</b>	<b>100,00</b>	<b>-47,26</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

### Importações

Enquanto que as importações brasileiras se reduziram 23,71% no segundo trimestre de 2015, em relação ao mesmo período do ano anterior, as importações cearenses decresceram 20,89%. No rol das importações cearenses com relação ao segundo trimestre três produtos se destacaram pela sua relevância: combustíveis minerais, produtos metalúrgicos e máquinas e equipamentos (Tabela 6.3).

**Tabela 6.3:** Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 2º Trimestre 2014-2015

Principais Produtos	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
Combustíveis Minerais	231.720.456	29,45	190.914.110	30,67	-17,61
Produtos metalúrgicos	177.300.079	22,53	112.583.441	18,09	-36,50
Máquinas e equipamentos	88.024.432	11,19	97.065.247	15,60	10,27
Trigos	47.917.787	6,09	50.141.950	8,06	4,64
Produtos químicos	37.451.860	4,76	45.031.247	7,24	20,24
Têxteis	56.875.046	7,23	29.466.931	4,73	-48,19
Plásticos e suas obras	18.557.088	2,36	17.353.236	2,79	-6,49
Óleo de dendê	13.878.427	1,76	10.016.304	1,61	-27,83
Castanha de caju	935.494	0,12	8.797.543	1,41	840,42
Vestuário	8.316.175	1,06	7.819.238	1,26	-5,98
Demais Produtos	105.802.576	13,45	53.209.244	8,55	-49,71
<b>Ceará</b>	<b>786.779.420</b>	<b>100,00</b>	<b>622.398.491</b>	<b>100,00</b>	<b>-20,89</b>

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.



O grupo de combustíveis minerais foi o primeiro colocado nas importações do estado, com valor de US\$ 190,91 milhões, consistindo em torno de 30,67% do total das importações nesse período, apresentando queda de 17,61% em relação ao mesmo período de 2014. Os principais produtos importados desse grupo foram *Gás natural liquefeito e Hulha betuminosa, não aglomerada*. Dentre as razões que justificam essa elevada participação, principalmente de gás natural liquefeito (GNL), destacam-se o menor custo de importação desse produto, por conta da maior oferta no mercado internacional e queda nos preços do petróleo, utilizado para a operação das térmicas, que vêm demandando mais desse recurso para a geração de energia elétrica no País.

Em segundo lugar, destacaram-se as importações de produtos metalúrgicos, com uma quantia de US\$ 112,58 milhões (18,09% do total), apresentando uma queda de 36,50% sobre o segundo trimestre de 2014, devido à maior importação vindas da China, Argentina e Coreia do Sul. A principal compra desse grupo foi de *Laminados de outras ligas de aços, simplesmente laminados a quente, em rolos, de largura igual ou superior a 600 mm, Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado*, entre outros.

Máquinas e equipamentos ficaram em terceiro lugar, com valor de US\$ 97,06 milhões (15,60%), crescendo 10,27% em relação ao mesmo período de 2014, por conta da maior aquisição desse produto por países como China, Alemanha e Argentina. Esse grupo foi representado, principalmente, por *Outros fornos para ustulação, etc, de minérios/metais, não elétricos*.

Apesar da relevância desses três produtos na pauta, houve uma redução das compras cearenses em relação aos outros componentes, refletindo a desaceleração da atividade econômica, principalmente de bens manufaturados.

No 2º trimestre de 2015 houve destaque entre alguns países que não faziam parte da pauta importadora do estado no período de 2014, como Nigéria e Catar. As importações da China foram da ordem de US\$ 175,87 milhões (28,26%), apresentando crescimento de 8,84% em relação ao 2º trimestre de 2014, majoritariamente pela importação de produtos metalúrgicos, máquinas e equipamentos e têxteis. As compras originárias da Colômbia foram de US\$ 63,83 milhões (10,26%), sendo *Hulha betuminosa, não aglomerada e Óleos de dendê, em bruto*, seus principais produtos. Destaque para a Argentina, que vendeu para o estado o equivalente a

US\$ 54,68 milhões, com crescimento de 237,17% em relação ao segundo trimestre de 2014. Foi adquirido desse país principalmente *trigos, produtos metalúrgicos e máquinas e equipamentos*. Esses três países representaram 47,30% do total importado pelo Ceará no período (Tabela 6.4).

É relevante destacar que o Catar e a Nigéria também ficaram entre os dez principais países importadores cearenses no segundo trimestre de 2015, em comparação ao mesmo período de 2014, devido às importações de Gás Natural Liquefeito (GNL).

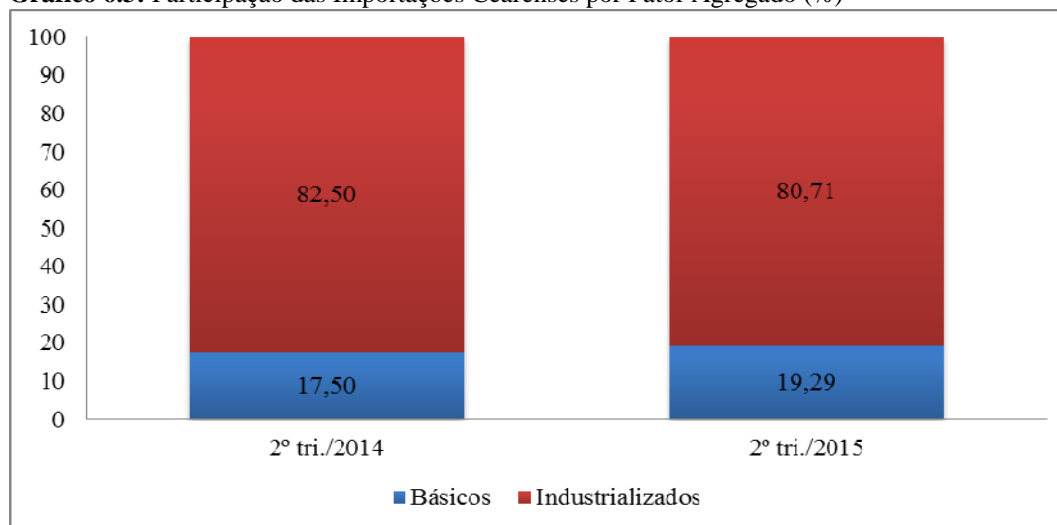
**Tabela 6.4:** Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) – 2º Trimestre - 2014-2015

Principais Produtos	2014		2015		Var. (%) 2015/2014
	US\$ FOB	Part.%14	US\$ FOB	Part.%15	
China	161.596.229	20,54	175.873.424	28,26	8,84
Colômbia	61.350.687	7,80	63.834.382	10,26	4,05
Argentina	16.218.990	2,06	54.685.922	8,79	237,17
Nigéria	0	0,00	50.456.328	8,11	#DIV/0!
Espanha	9.513.300	1,21	48.426.548	7,78	409,04
Estados Unidos	81.636.660	10,38	35.870.550	5,76	-56,06
Alemanha	26.618.749	3,38	28.720.714	4,61	7,90
Noruega	1.429.881	0,18	27.270.572	4,38	1807,19
Catar	0	0,00	24.530.693	3,94	#DIV/0!
Coreia do Sul	61.583.870	7,83	18.396.335	2,96	-70,13
Demais Produtos	366.831.054	46,62	94.333.023	15,16	-74,28
<b>Ceará</b>	<b>786.779.420</b>	<b>100,00</b>	<b>622.398.491</b>	<b>100,00</b>	<b>-20,89</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Com relação à importação por fator agregado, o Gráfico 6.3 revela que, no período analisado, a pauta importadora do estado foi composta, principalmente, por produtos industrializados (Gráfico 6.3).

**Gráfico 6.3:** Participação das Importações Cearenses por Fator Agregado (%)



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Produtos básicos representaram 19,29% da pauta importadora cearense no segundo trimestre de 2015, aumentando em termos de participação em relação ao mesmo período do ano anterior (17,50%). Ainda assim, houve queda de 12,79% nas compras desse setor em relação ao segundo trimestre de 2014, principalmente pela menor aquisição de hulha betuminosa, algodão e cocos secos.

Já as importações de produtos industrializados representaram 80,71% no segundo trimestre de 2015, diminuindo em termos de participação em comparação ao segundo trimestre de 2014 (82,50%), também apresentando queda de 22,61% nas importações nesse período. Houve menor aquisição de Gás Natural Liquefeito, produtos metalúrgicos, óleos de dendê, cimentos, entre outros.

## 7 FINANÇAS PÚBLICAS

De acordo com a Tabela 7.1, as “Receitas Totais” do Governo do Ceará, no segundo trimestre de 2015, apresentaram crescimento de 1,8% quando comparadas a idêntico período do ano anterior. O maior crescimento, de 4%, foi registrado nas “Receitas de Capitais”, que foi influenciado pelo significativo crescimento da rubrica “Outras Receitas de Capital”<sup>3</sup>. Já no acumulado do ano é possível observar que houve uma queda nas receitas do Governo cearense, sendo o destaque negativo a queda de 0,9% das “Receitas Correntes” do Estado até o final do segundo trimestre de 2015.

**Tabela 7.1:** Receitas do Governo Estadual no Segundo trimestre de 2014 e 2015 - (R\$1.000,00 de 2º trim. 2015)

Descrição	2º Trimestre					Acumulado				
	2014		2015		Var (%)	2014		2015		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
<b>Receitas correntes</b>	<b>4.599.033</b>	<b>87,8</b>	<b>4.682.736</b>	<b>87,6</b>	<b>1,8</b>	<b>9.590.676</b>	<b>90,3</b>	<b>9.499.611</b>	<b>90,2</b>	<b>-0,9</b>
Receita tributária	2.475.373	47,2	2.498.084	46,7	0,9	5.222.079	49,2	5.203.002	49,4	-0,4
Impostos	2.364.750	45,1	2.389.798	44,7	1,1	5.012.073	47,2	5.000.043	47,5	-0,2
Taxas	110.623	2,1	108.286	2,0	-2,1	210.006	2,0	202.959	1,9	-3,4
Transferências correntes	1.802.810	34,4	1.827.484	34,2	1,4	3.731.833	35,1	3.678.540	34,9	-1,4
Outras receitas correntes	320.850	6,1	357.168	6,7	11,3	636.765	6,0	618.069	5,9	-2,9
<b>Receitas de capital</b>	<b>427.495</b>	<b>8,2</b>	<b>444.606</b>	<b>8,3</b>	<b>4,0</b>	<b>618.213</b>	<b>5,8</b>	<b>657.511</b>	<b>6,2</b>	<b>6,4</b>
Operações de crédito	345.187	6,6	327.893	6,1	-5,0	459.356	4,3	465.244	4,4	1,3
Outras receitas de capital	82.309	1,6	116.712	2,2	41,8	158.857	1,5	192.266	1,8	21,0
<b>Receitas intraorçamentárias</b>	<b>214.448</b>	<b>4,1</b>	<b>216.987</b>	<b>4,1</b>	<b>1,2</b>	<b>414.425</b>	<b>3,9</b>	<b>371.112</b>	<b>3,5</b>	<b>-10,5</b>
<b>Total geral</b>	<b>5.240.976</b>	<b>100,0</b>	<b>5.344.328</b>	<b>100,0</b>	<b>2,0</b>	<b>10.623.314</b>	<b>100,0</b>	<b>10.528.234</b>	<b>100,0</b>	<b>-0,9</b>
<b>Receita corrente líquida</b>	<b>3.820.004</b>		<b>3.889.591</b>		<b>1,8</b>	<b>7.867.558</b>		<b>7.802.857</b>		<b>-0,8</b>

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

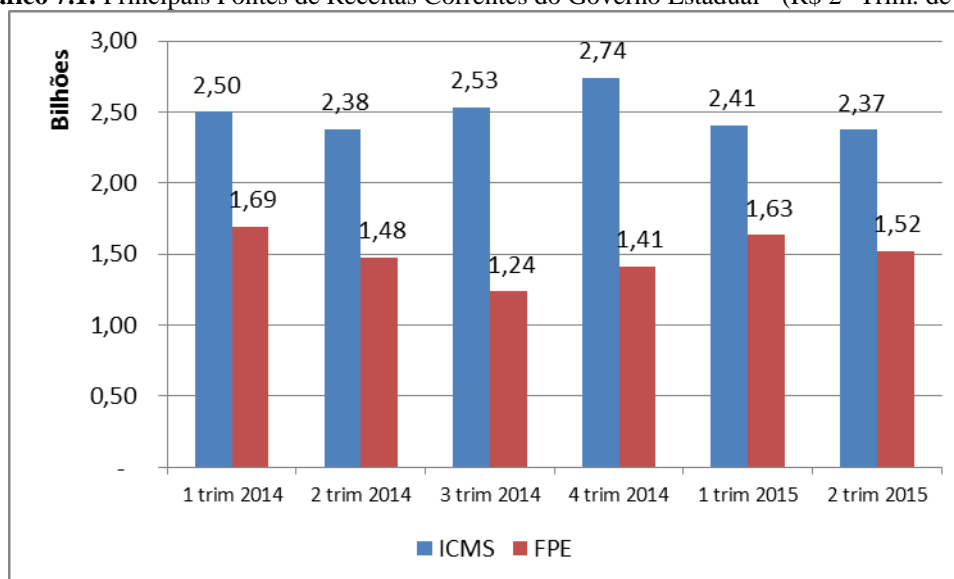
Obs.: Corrigido pela média do IPCA do segundo trimestre.

<sup>3</sup> Esse comportamento é explicado pelas Transferências de Capital.

As “Receitas Correntes” cresceram 1,8% no segundo trimestre de 2015, com as receitas de “Transferências Correntes” crescendo mais do que as tributárias. Entretanto, ao observar-se o comportamento do acumulado do ano, constata-se que as “Receitas Tributárias” caíram menos do que as de “Transferências Correntes”. Nesse sentido é possível afirmar que o fraco desempenho do Governo Federal, na arrecadação tributária de 2015, tem afetado negativamente as finanças públicas do Estado do Ceará, dado o menor volume de receitas transferidas para o Estado.

Já as “Receitas Correntes Líquidas”, que é um importante indicador das finanças públicas de um estado, apresentaram, no segundo trimestre de 2015, crescimento de 1,8%, porém houve uma queda de 0,8% no acumulado do ano. Embora o crescimento das “Receitas Correntes Líquidas”, no segundo trimestre de 2015, seja um sinal positivo, é importante observar que o comportamento acumulado no ano ainda é preocupante.

Entre as principais receitas do governo cearense estão as de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento são apresentados no Gráfico 7.1. Nesse sentido, é possível constatar que as receitas de ICMS caíram no segundo trimestre de 2015, quando comparadas ao trimestre anterior, encontrando-se em nível similar ao verificado no 2º trimestre de 2014. Já as receitas do FPE caíram com relação ao trimestre anterior, ficando, no entanto, um pouco acima do verificado um ano antes, isto é, no segundo trimestre de 2014.

**Gráfico 7.1:** Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual - (R\$ 2º Trim. de 2015)

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

Dado esse quadro, é recomendável acompanhar a situação da arrecadação federal para que se possa antecipar possíveis quedas nos repasses do FPE e outras transferências da União que afetarão as finanças públicas do Ceará.

Observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual é possível constatar, na Tabela 7.2, que as “Despesas Correntes” apresentaram um decréscimo de 9,7%, quando se compara o segundo trimestre de 2015 com idêntico período de 2014, enquanto as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” caíram 10,9% entre esses dois períodos. Já no acumulado do ano houve queda de 4% nas “Despesas Correntes” e de 3,8% nas despesas com “Pessoal e Encargos Sociais”. Uma possível explicação para queda da “Despesa com Pessoal” foi o pagamento da primeira parcela do 13º salário dos servidores públicos que, em 2014, ocorreu em junho, enquanto em 2015, em julho. Assim, o comportamento dessa rubrica no terceiro trimestre do ano permitirá um melhor entendimento de seu comportamento em 2015.

**Tabela 7.2:** Despesas do Governo Estadual no Segundo Trimestre de 2014 e 2015 - (R\$1.000,00 de 2º trim. 2015)

Descrição	2º Trimestre					Acumulado				
	2014		2015		Var (%)	2014		2015		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
<b>Despesas correntes</b>	<b>4.242.901</b>	<b>77,8</b>	<b>3.832.572</b>	<b>81,4</b>	<b>-9,7</b>	<b>7.646.432</b>	<b>81,4</b>	<b>7.338.049</b>	<b>85,1</b>	<b>-4,0</b>
Pessoal e encargos sociais	2.234.070	40,9	1.990.191	42,3	-10,9	4.080.426	43,5	3.924.985	45,5	-3,8
Juros e encargos da dívida	78.890	1,4	103.459	2,2	31,1	151.191	1,6	203.308	2,4	34,5
Outras despesas correntes	1.929.941	35,4	1.738.922	36,9	-9,9	3.414.816	36,4	3.209.756	37,2	-6,0
<b>Despesas de capital</b>	<b>1.213.258</b>	<b>22,2</b>	<b>875.446</b>	<b>18,6</b>	<b>-27,8</b>	<b>1.743.753</b>	<b>18,6</b>	<b>1.283.856</b>	<b>14,9</b>	<b>-26,4</b>
Investimentos	1.024.246	18,8	646.971	13,7	-36,8	1.405.919	15,0	918.304	10,7	-34,7
Outras despesas de capital	189.012	3,5	228.475	4,9	20,9	337.834	3,6	365.552	4,2	8,2
<b>Total</b>	<b>5.456.159</b>	<b>100,0</b>	<b>4.708.018</b>	<b>100,0</b>	<b>-13,7</b>	<b>9.390.186</b>	<b>100,0</b>	<b>8.621.905</b>	<b>100,0</b>	<b>-8,2</b>

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do segundo trimestre.

Já o pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” avançaram 31,1% no segundo trimestre de 2015. Ressalte-se que as despesas com “Juros e Encargos da Dívida” representaram, no segundo trimestre de 2015, 2,66% da “Receita Corrente Líquida” do trimestre. Já as despesas de “Capital” caíram 27,8% entre os dois períodos em análise, destacando-se a queda de 36,8% nos “Investimentos” do Governo Estadual. No acumulado do ano de 2015 as “Despesas de Capital” também apresentaram queda sendo o principal motivo para a retração das despesas com “Investimentos”, com redução superior a 34%.

Do exposto acima conclui-se que a retração das despesas do governo estadual foi superior a queda de receitas, não obstante a queda das “Despesas com Pessoal” ser influenciada pela mudança na data de pagamento da antecipação da gratificação natalina. É possível supor que as “Despesas Correntes”, notadamente os gastos com pessoal, continuarão a pressionar as contas públicas do Estado no segundo semestre de 2015 sendo, portanto, necessário acompanhar a evolução dessa rubrica nos próximos trimestres a fim de se evitar um maior crescimento das despesas em um período que o crescimento das receitas é duvidoso.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mostram os dados estatísticos da OCDE, Estados Unidos, Japão e União Europeia apresentaram um melhor desempenho no segundo trimestre de 2015, comparado com o mesmo período de 2014. No caso da China, notou-se um resultado abaixo do registrado no 2º trimestre de 2014, não obstante uma taxa de crescimento ainda considerada elevada de 7% no ano.

A economia dos Estados Unidos, embora tenha sofrido redução na projeção para o ano, vem mostrando sinais de crescimento sustentável e o FED tem sinalizado que em algum momento irá elevar a taxa de juros e assim retomar a política monetária do país.

O PIB do Brasil a preços de mercado no segundo trimestre de 2015 registrou queda de -1,9% em relação ao primeiro. No primeiro trimestre houve um recuo de -0,7% com relação ao imediatamente anterior, caracterizando um cenário de recessão. Sob a ótica da oferta, os três grandes setores, agropecuária, indústria e serviços tiveram desempenho negativo de, respectivamente, -2,7%, -4,3% e -0,7%.

O que chama atenção para esses números é tanto a profundidade como o comprimento na qual se prolonga o ciclo de baixa da economia brasileira. O setor de serviços, por exemplo, encontra-se totalmente estagnado ao longo de cinco trimestres acumulando sequências de desempenho negativo e consequente estagnação.

No segundo trimestre de 2015 com relação ao mesmo período de 2014, a economia cearense registrou uma taxa de crescimento negativa de 5,32%, apresentando um desempenho muito inferior ao registrado no segundo trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, quando foi verificado um crescimento de 3,04%.

O setor agropecuário do Ceará vem sofrendo nos últimos anos em consequência da seca, apresentando baixo volume de água armazenada, baixa umidade e degradação do solo. Nesse ano de 2015 o período de chuva começou mais tarde tendo como consequência uma quadra mais curta. Esse fato afetou tanto o período de plantação como o volume de armazenamento hídrico.

Nesse contexto, as irregularidades da distribuição de chuvas prejudicou ainda mais a produção agrícola, uma vez que também ocorreram de forma concentrada nas regiões litorâneas do Ceará, regiões estas menos importantes na produção agrícola. A fraca quadra chuvosa vem agravando ainda mais essa situação, visto que a quantidade pluviométrica não foi suficiente para o aporte hídrico, tendo sido a quantidade de água armazenada ao final do período de chuva o mesmo do começo do ano.

A produção de grãos em 2015 vem sendo fortemente afetada pela baixa pluviosidade dos últimos anos e irregularidades temporais, causando baixa produtividade e redução das áreas plantadas. A produção de arroz caiu 20,2%, a produção de feijão 22,9% e a de milho reduziu 34,6%.

A produção de frutas no Ceará também não mostra bons resultados para o ano de 2015. As lavouras que são produzidas, em sua maioria, por sistema irrigado tiveram reduções mais elevadas na produção. É o caso do melão, onde se estima uma queda de 40,3%, abacaxi (-50,9%) e melancia (-26,4%).

A indústria de transformação cearense manteve a sequência de resultados negativos que caracterizaram o ano 2014 e o início deste ano. Entre abril a junho de 2015, a produção registrou uma redução de 10,0% na comparação com o mesmo período de 2014, segundo o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Como observado no primeiro trimestre do ano, o resultado intensificou a queda em relação aos períodos anteriores e se constituiu no quinto período seguido de retração neste tipo de comparação.

Já as reduções da produção física na comparação mensal ocorrem desde o início de 2014, com exceção apenas dos meses de fevereiro (7,1%) e dezembro (1,1%) do ano passado. Mesmo após apresentar uma trajetória mais descolada da indústria nacional em 2013, a indústria cearense mantém desde o início de 2014 uma trajetória próxima à observada pela manufatura brasileira. No acumulado do ano, a indústria de transformação cearense registrou uma diminuição de 8,0% na produção, resultado praticamente igual à média nacional (-8,1%), mas superior à registrada pela região Nordeste (-4,9%), sempre em comparações em relação a 2014.

Entre as onze atividades pesquisadas, oito delas sofreram redução em sua produção na comparação com o segundo trimestre de 2014. Segmentos importantes da indústria local registraram resultados negativos no segundo trimestre. São os casos dos setores Têxtil, Fabricação de bebidas e Couros e calçados que registraram reduções de 35,3%, 16,1% e 11,3%, respectivamente, nos meses de abril a junho de 2015, na comparação com mesmo período do ano anterior.



Dados da PMC do IBGE para o varejo nacional registraram pela segunda vez consecutiva queda nas vendas no segundo trimestre de 2015 de 3,5% na comparação com igual período do ano anterior. O varejo nacional passou também a registrar a primeira queda no acumulado do ano nas vendas do varejo comum nos últimos cinco anos igual refletindo o momento de crise pelo qual está passando os brasileiros.

Com relação ao varejo comum cearense é possível notar a segunda queda sucessiva, reflexo também do ritmo de desaceleração nas vendas. O varejo ampliado cearense também registrou queda no acumulado do ano até junho de 2015 de 3,6%.

Desde o último trimestre de 2014, o percentual de desocupados no mercado de trabalho cearense vem crescendo, tendo atingindo no segundo trimestre de 2015 a taxa de 8,81%, percentual praticamente idêntico ao do primeiro trimestre de 2013, maior taxa da série histórica da PNAD contínua.

Esse resultado também explica parte da queda da demanda por postos de trabalho tendo em conta que o ajuste no mercado de trabalho vem ocorrendo pelo maior número de pessoas que perderam emprego ou, então, passaram a procurar algum tipo de ocupação.

Nos dados da CAGED o Brasil registrou fechamento de 329.220 vagas de trabalho com carteira assinada no acumulado do ano até junho em todo o Brasil, sendo 45.934 no primeiro trimestre e 283.286 no segundo trimestre. No segundo trimestre de 2015, apenas seis estados conseguiram registrar abertura de novas vagas de trabalho: Goiás, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Acre, Piauí e Tocantins.

O estado do Ceará havia criado 14.809 novos postos de trabalho no acumulado do segundo trimestre, alcançando o maior valor de geração em 2013. Todavia, no segundo trimestre de 2015 houve fechamento de 2.423 vagas de trabalho com carteira assinada que somada com a perda de 8.458 vagas no primeiro trimestre totalizou 10.881 postos de trabalho a menos no acumulado até junho do ano de 2015. Chama a atenção a forte perda de postos de trabalho celetistas observado tanto na indústria de transformação (-4.517 vagas) e no comércio (-707 vagas).

No setor externo às exportações do Ceará no segundo trimestre de 2015 totalizaram US\$ 227,69 milhões, expressando redução de 47,26% em relação ao mesmo trimestre do ano de 2014. As importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 622,40 milhões apresentando também queda de 20,89% no mesmo comparativo. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 394,71 milhões e, portanto, maior com relação ao mesmo período do ano passado (-US\$ 355,04 milhões). Com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará no segundo trimestre de 2015 alcançou o valor de US\$ 850,09 milhões, com redução de 30,24% em relação ao mesmo período de 2014.

A pauta de exportação cearense no segundo trimestre de 2015 foi liderada pelas vendas de calçados e partes, representando 24,81% do total exportado pelo estado e totalizando o valor de US\$ 56,50 milhões. Couros e peles ocuparam o segundo lugar gerando uma receita de aproximadamente US\$ 44,62 milhões e participação de 19,60% do total da pauta de vendas nesse segundo trimestre de 2015.

No que tange às exportações, deve-se destacar o crescimento significativo no setor têxtil neste segundo trimestre (66,95%) na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, totalizando o valor de US\$ 13,07 milhões, devido principalmente ao aumento das vendas para países da América Latina (Argentina, Colômbia, Paraguai, México e Venezuela). Houve também aumento do valor exportado de preparações alimentícias diversas (25,03%), lagostas (35,09%).

No rol das importações cearenses, três produtos se destacaram pela sua relevância neste segundo trimestre: combustíveis minerais, produtos metalúrgicos e máquinas e equipamentos. O grupo de combustíveis minerais foi o primeiro colocado nas importações do estado consistindo em torno de 30,67% do total das importações nesse período e apresentando queda de 17,61%. Em segundo lugar, produtos metalúrgicos apresentaram 18,09%, apresentando uma queda de 36,50%. Máquinas e equipamentos ficaram em terceiro lugar, crescendo 10,27% em suas importações em relação ao mesmo período de 2014.

Finalmente, no tocante às finanças estaduais as “Receitas Totais” do Governo do Ceará no segundo trimestre de 2015 apresentaram crescimento quando comparadas a idêntico período do ano anterior. O maior crescimento foi registrado nas “Receitas de Capitais”, que foi

influenciado pelo significativo crescimento da rubrica “Outras Receitas de Capital”. Já no acumulado do ano é possível observar que houve uma queda sendo o destaque negativo a queda de 0,9% das “Receitas Correntes”.

Todavia, constatou-se o fraco desempenho do Governo Federal na arrecadação tributária de 2015 afetando negativamente as finanças públicas do Estado do Ceará, dado o menor volume de receitas transferidas.

Por sua vez, a retração das despesas do governo estadual foi superior à queda de receitas, não obstante a queda das “Despesas com Pessoal” ser influenciada pela mudança na data de pagamento da antecipação da gratificação natalina. É possível supor que as “Despesas Correntes”, notadamente os gastos com pessoal, continuarão a pressionar as contas públicas do Estado no segundo semestre de 2015 sendo, portanto, necessário acompanhar a evolução dessa rubrica nos próximos trimestres a fim de se evitar um maior crescimento das despesas em um momento que o crescimento das receitas é duvidoso.

## 9. ARTIGO DE OPINÃO<sup>4</sup>

### **As Turbulências, o Céu de Brigadeiro e os Motores para Voos Maiores**

*Carlos Alberto Manso – Doutor em Economia*

Nas últimas décadas, a economia brasileira tem se caracterizado pelo baixo dinamismo, e apresentado poucas expressivas oscilações, entre as quais a expansão no período do chamado ‘milagre brasileiro’ – baseado em empréstimos internacionais – e as retrações durante as crises externas do petróleo, dos tigres asiáticos e, mais recentemente, do *subprime*. Os problemas estruturais do País permanecem como obstáculos para voos maiores.

A educação, principal insumo para a inovação, e fundamental para a construção de melhores arranjos institucionais, de ambientes favoráveis aos negócios e, naturalmente, de elevação do capital humano, segue com seus intermináveis dramas, quase que totalmente presa a um sistema público que não dá sinais de elevação da qualidade no nível e no tempo que o Brasil necessita. Para agravar o quadro, não se consegue criar um ambiente de incentivos ao desenvolvimento de inovações, no qual os serviços tecnológicos e a moderna gestão empresarial deveriam ser constantemente buscados.

---

<sup>4</sup> As ideias colocadas neste tópico refletem exclusivamente a visão do autor, não sendo, portanto, a posição oficial do IPECE.

Ademais, as condições de produção são frequentemente desfavoráveis pela ausência de uma justa tributação e de relações de trabalho mais flexíveis, e seguimos esperando o ótimo nível de infraestrutura e uma oferta melhor de crédito. Nessa direção, a atuação governamental, da qual dependem a estabilidade macroeconômica – como conseguiu-la sem uma gestão responsável das contas públicas? – o fortalecimento da segurança jurídica – sem o qual se impõem altos riscos aos empreendimentos – e os investimentos, não têm se mostrado eficiente para melhorar o ambiente de atuação das empresas.

E, para embaçar ainda mais a visão de longo prazo, estamos passando por uma crise séria, que exige medidas que devem ser implementadas de forma urgente. Compreender os determinantes dessa conjuntura é importante. Assim, é bastante claro que houve impactos negativos no Brasil decorrentes dos problemas de uma economia globalizada, com alguns países demonstrando dificuldades na gestão do gasto público, endividamento e piora das condições de oferta. Além disso, a redução do valor gerado pelas *commodities* brasileiras no mercado internacional certamente ajuda a explicar as dificuldades na balança comercial do País. É possível até mesmo mencionar a redução do ritmo de crescimento populacional – e a conseqüente menor entrada de pessoas aptas para o mercado de trabalho – para explicar a atual situação econômica pela qual o País atravessa.

Na verdade, a má qualidade dos gastos públicos aparece como protagonista dos atuais problemas econômicos. A despesa primária passou de 11% do PIB em 1991, para expressivos 20% em 2014. Para sustentar esse aumento, a carga tributária também teve que ser elevada. De 24%, em 1994, para quase 36% em 2013. Por outro lado, a receita líquida do governo central não acompanhou o ritmo das despesas, avançando de 14% em 1991, para 19,8% em 2014. Em resumo, o *déficit* público está aumentando, especialmente nos últimos três anos, e o governo demonstra dificuldades em manter um orçamento equilibrado.

Então, nos restam agora as medidas de ajuste fiscal – de difícil aprovação no Congresso, diante do atual cenário político –, e que destas resultem, pelo menos, a estagnação do crescimento da dívida, via redução dos gastos e, certamente, elevação da carga tributária. O governo deve alienar ou vender ativos, diminuindo o tamanho do Estado e repatriar dólares. Obviamente, para isso é preciso haver credibilidade no condutor das ações e estabilidade política. Em resumo, a concretude da retomada do crescimento ainda está distante.

Todavia, mesmo neste momento de fortes turbulências, é relevante identificar e apostar em setores promissores para a economia, capazes de induzir a criação de ambientes que atraiam, retenham e desenvolvam pessoas, empresas e investimentos focados na inovação e na sustentabilidade. Um excelente exercício de prospecção tecnológica e um correto

alinhamento de governo, setor produtivo e academia, quem sabe, não nos ajudem a encontrar o céu de brigadeiro.